

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE ARTES - CEART
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA - PPGMUS

NAJLA ELISÂNGELA DOS SANTOS

**A PRÁTICA CORAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR EM
ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO NA CIDADE DE
FLORIANÓPOLIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Música. Sub-área: Educação Musical.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo

FLORIANÓPOLIS – SC

2012

NAJLA ELISÂNGELA DOS SANTOS

**A PRÁTICA CORAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR
EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO NA
CIDADE DE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Música. Sub-área: Educação Musical.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo

FLORIANÓPOLIS – SC

2012

Ficha Elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

S237 Santos, Najla Elisângela dos
A prática coral como atividade extracurricular em escolas de ensino fundamental :
um estudo na cidade de Florianópolis / Najla Elisângela dos Santos. 2011
99 p. : il. ; 30 cm

Bibliografia: p.78-84

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de
Artes, Mestrado em Música, Florianópolis, 2011.

1. Música – Instrução e Estudo – 2. Ensino fundamental – 3. Música coral –
4. Educação musical escolar. – 5. Prática Coral. – 6. Funções da Prática Coral. -
7. Atividades Extracurriculares. 8. Repertório Coral. – I. Figueiredo, Sérgio Luiz
Ferreira de (Orientador) – II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de
Artes, Mestrado em Música. III. Título.

CDD.782.045 – 20 ed.

NAJLA ELISÂNGELA DOS SANTOS

**A PRÁTICA CORAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR
EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO NA
CIDADE DE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Música. Sub-área: Educação Musical.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo

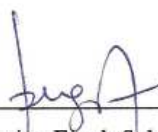
Banca examinadora

Orientador:



Prof. Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membros:



Dra. Regina Finck Schambeck
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC



Dra. Marisa Trench Fonterrada
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP

Florianópolis, 15 de março de 2012.

Dedico este trabalho ao meu amado filho Luís Gustavo que, durante estes dois anos, mesmo ouvindo tantos “agora não posso, filho, estou estudando”, foi o meu maior companheiro!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Valdir e Laurita, que durante este período me acolheram novamente em casa com todas as “mordomias” possíveis e imagináveis; e aos meus irmãos, Chico e principalmente Elias e Vinícius. Estar em família durante este processo diminuiu consideravelmente o tamanho das dificuldades.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Música, aos funcionários, ao meu primeiro orientador Prof. José Soares, e especialmente ao meu atual orientador Prof. Sérgio Figueiredo, muito obrigada pelas horas compartilhadas de sabedoria e empenho.

À CAPES pela bolsa de pesquisa.

À minha amiga, ex-aluna e hoje “mestre” Vanilda Lúcia Ferreira de Macedo. Sua contribuição foi valiosa, tanto no início deste processo quanto na etapa final.

À minha querida afilhada Alice por sua presença e companheirismo em todos os momentos.

Aos colegas da turma de 2008, aos atuais da turma de 2010, principalmente a Lígia com quem pude dividir alegrias, preocupações, trabalhos e experiências.

A todos os participantes desta pesquisa pela disponibilidade, confiança e credibilidade.

Aos coralistas com quem já convivi e aos que atualmente compartilho meus conhecimentos musicais, pela possibilidade de exercer minha profissão, pelo apoio, incentivo e compreensão durante mais esta etapa.

Aos meus familiares e amigos que, de uma forma ou de outra, me incentivaram e me apoiaram para que eu concretizasse este estudo.

A Deus, fonte de luz e força em minha vida.

“Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais. Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe só levo a certeza de que muito pouco sei, ou nada sei.

Conhecer as manhas e as manhãs o sabor das massas e das maçãs. É preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir é preciso a chuva para florir...

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora um dia, a gente chega e no outro vai embora. Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz...”

RESUMO

SANTOS, Najla Elisângela dos. **A prática coral como atividade extracurricular em escolas de ensino fundamental:** um estudo na cidade de Florianópolis. 2012. 99 folhas. Dissertação (Mestrado em Música – Área: Educação Musical) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Música, Florianópolis, 2012.

Esta pesquisa buscou compreender como ocorre a prática coral e que funções esta atividade exerce em cinco escolas de ensino fundamental no município de Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: mapear os corais das escolas de ensino fundamental da cidade de Florianópolis; identificar de que forma a prática coral está inserida nas escolas públicas e privadas; conhecer as características de diferentes grupos corais escolares; analisar os objetivos dos diretores, regentes, estudantes e familiares com relação à prática coral realizada; e identificar as possíveis relações entre as práticas realizadas pelos corais e as funções que estes exercem em seus respectivos contextos. Na revisão de literatura foram apresentados diferentes elementos sobre a prática coral escolar, destacando-se as funções da música exercidas na sociedade e na escola. Foram consideradas as funções sociais da música categorizadas principalmente por Alan Merriam, incluindo outros autores que também estudam o assunto. O caminho metodológico utilizado foi o estudo de casos múltiplos dentro de uma abordagem qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados foram observações, entrevistas semi-estruturadas, grupos focais e questionários. Em cada contexto buscou-se compreender as concepções dos diretores, regentes, coralistas e familiares envolvidos nesta atividade nas escolas pesquisadas. Estes dados foram transcritos, organizados e analisados a partir de três categorias: 1) o contexto pesquisado; 2) o coral como atividade extracurricular e 3) práticas realizadas. Os resultados revelam a existência de apenas doze corais entre as noventa e nove escolas de ensino fundamental identificadas no município de Florianópolis. Estes corais estão todos inseridos como atividades extracurriculares nestas instituições. Entre os cinco corais pesquisados foram identificadas semelhanças e diferenças com relação às funções que os mesmos desempenham em cada contexto. De maneira geral, predominam as funções de validação das instituições, de contribuição para a integração da sociedade e de entretenimento. O entendimento dessas funções poderá contribuir para a compreensão mais aprofundada sobre como esta prática ocorre em cada escola favorecendo a tomada de decisões que aprimorem ainda mais as propostas oferecidas. Além disso, a análise e a reflexão realizadas neste trabalho poderá fomentar o entendimento da relevância, da permanência e da ampliação da prática coral como ferramenta para a educação musical escolar.

Palavras-chave: Educação Musical Escolar. Prática Coral. Funções da Prática Coral. Atividades Extracurriculares. Repertório Coral.

ABSTRACT

SANTOS, Najla Elisângela dos. **The choir practice as an extracurricular activity in elementary schools:** a study in Florianópolis. 2012. 99 pages. Dissertation (Master of Music - Area: Music Education) - University of Santa Catarina State. Graduate Program in Music, Florianópolis, 2012.

This research sought to understand how choir practice occurs and the roles this activity plays in five elementary schools in the city of Florianópolis, Santa Catarina state, Brazil. The following specific objectives were established: map the elementary school choirs in the city of Florianópolis; identify how the choir practice is embedded in public and private schools; know the characteristics of different school choir groups; analyze the goals of principals, conductors, students and families in regards to the choir practice performance and identify possible relationships between the practices performed by the choirs and the roles they take in their respective contexts. In the literature review, there were different elements on school choir practice, highlighting the functions of music performed in society and schools. It was considered the social roles of music mainly as categorized by Alan Merriam, including other authors who also study the subject. The methodology used was the multiple case study within a qualitative approach. The instruments of data collection were observations, semi-structured interviews, focus groups and questionnaires. In each context we sought to understand the conceptions of principals, conductors, singers and families involved in this activity in the schools surveyed. These data were transcribed, organized and analyzed from three categories: 1) the choir as an extracurricular activity; 2) who could sing in the choir and 3) repertoire and rehearsals. The results reveal the existence of only twelve choirs among the ninety-nine elementary schools identified in Florianópolis. These choirs are all inserted as extracurricular activities in these institutions. Among the five choirs surveyed, some similarities and differences were identified in regards to the functions they perform in each context. In general, roles of institutional validation, contribution to societal integration and entertainment were predominant. The knowledge of these roles may contribute to better understand how this practice occurs in each school favoring decisions that enhance even more the offered proposals. Furthermore, the analysis and reflection in this work can foster understanding the relevance, presence and expansion of the choir practice as a tool for school music education.

Keywords: School Music Education. Choir Practice. Roles of Choir Practice. Extracurricular Activities. Choral repertoire.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Quantidade de escolas de ensino fundamental no município de Florianópolis.....	34
Tabela 2 -	Número de corais nas escolas de ensino fundamental no município de Florianópolis.....	36
Tabela 3	Organização dos dados coletados.....	39
Tabela 4	Categorias para análise de dados.....	40
Tabela 5	Identificação dos participantes na pesquisa.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REVISÃO DE LITERATURA	14
1.1 A PRÁTICA CORAL ESCOLAR	14
1.1.1 A experiência de cantar na escola	14
1.1.2 Pesquisas sobre a prática coral nas escolas brasileiras.....	17
1.1.3 A prática coral escolar no município de Florianópolis.....	19
1.2 AS FUNÇÕES DA MÚSICA NA ESCOLA E NA SOCIEDADE	20
1.3 A MÚSICA NA ESCOLA: DIREITO DE TODOS.....	29
2 ESCOLHAS QUE NORTEARAM O CAMINHO PERCORRIDO	33
2.1 ORIENTAÇÃO QUALITATIVA	33
2.2 IDENTIFICAÇÃO DOS CORAIS ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS	34
2.3 O ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS	36
2.4 OS INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	37
2.5 A ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	39
3 O CONTEXTO PESQUISADO	41
3.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	41
3.1.1 Coral 1.....	41
3.1.2 Coral 2.....	42
3.1.3 Coral 3.....	43
3.1.4 Coral 4.....	43
3.1.5 Coral 5.....	44
3.2 QUEM PODE CANTAR NO CORAL.....	45
4 AS FUNÇÕES DA PRÁTICA CORAL ESCOLAR EM FLORIANÓPOLIS	50
4.1 O CORAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR.....	50
4.1.1 Os objetivos da prática coral como atividade extracurricular.....	50
4.1.2 As funções da prática coral sob a perspectiva dos diretores, familiares e regentes.....	54
4.2 ALGUMAS PRÁTICAS IDENTIFICADAS.....	63
4.2.1 Coral 1.....	63
4.2.2 Coral 2.....	66
4.2.3 Coral 3.....	69
4.2.4 Coral 4.....	71
4.2.5 Coral 5.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICES	84

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha experiência como regente de corais adultos e infantis na região da Grande Florianópolis há aproximadamente 10 anos, tenho me questionando a respeito dos objetivos que levam as pessoas a cantar num determinado coral, das concepções dos envolvidos para a criação e existência destes corais, bem como das funções que os corais exercem em diferentes contextos.

Durante dois anos, no período de 2005 a 2007, fui regente de três corais infantis em três escolas particulares na região da Grande Florianópolis, sendo que em duas destas escolas a orientação pedagógica era a mesma, pois pertenciam a uma mesma franquia. Os corais nas três escolas funcionavam como atividade extracurricular oferecida para crianças de 07 a 10 anos e não havia seleção para participar desta atividade. O horário de funcionamento era no turno contrário às aulas das crianças e a atividade era gratuita nas duas escolas da mesma franquia. Na terceira escola havia uma taxa para participação no coral e o horário oferecido era no final da aula do turno vespertino. Entre estes corais a principal característica em comum era o fato destes sempre serem solicitados para se apresentar nas festividades do colégio. O tempo para preparação de repertório entre cada apresentação era curto e os ensaios acabavam ocorrendo exclusivamente para passar as peças que o coral iria cantar nas apresentações: no mês de maio era Homenagem às Mães; em junho, Festa Junina; em agosto, Homenagem aos Pais, e assim por diante. Com um ensaio por semana com a duração de uma hora, o tempo do ensaio era praticamente todo utilizado para a preparação das apresentações. Isso me angustiava, pois percebia que a função principal do coral estava sendo a participação em eventos, deixando numa posição secundária, muitas vezes, sua função educacional. Sendo esta a condição, também os aspectos relacionados ao desenvolvimento musical das crianças não podiam ser enfatizados.

Ao ingressar no Mestrado em Música, tive a oportunidade de aprofundar minha reflexão sobre este tema, principalmente na disciplina de Educação Musical Coral. Nesta disciplina foi proposto que se fizesse uma pequena pesquisa em corais escolares. Na ocasião observei um coral oferecido como atividade extracurricular numa escola particular, cuja existência e permanência naquele espaço estavam vinculadas ao interesse dos pais e do próprio regente. A direção da escola, segundo o regente, eventualmente solicitava que o coral participasse dos eventos na escola. Tal situação era completamente inversa à experiência por mim vivida em contextos semelhantes. De certa forma, esta realidade evidenciou a existência de diferentes funções para a atividade coral no contexto escolar.

A atividade coral é uma prática musical presente em diferentes contextos. Existem corais em igrejas, hospitais, empresas, associações, escolas e universidades, além de outros espaços sociais. Cada contexto possui objetivos específicos para criar e manter seus corais. Os corais de igrejas, por exemplo, são, geralmente, formados por pessoas da comunidade e respectivamente criados para animar celebrações litúrgicas; já os corais de empresas são formados, em sua maioria, pelos próprios funcionários, como uma forma de lazer e estratégia de marketing enfatizando o bem-estar dos empregados. Dessa forma, a música acaba assumindo funções distintas em diferentes contextos, sejam estas funções educacionais, artísticas, terapêuticas, de lazer, entre outras.

O fato de a prática coral exercer funções distintas em diferentes contextos até então parecia ser algo natural. Entretanto, constatar diferentes funções dentro do mesmo contexto, como pude observar em diferentes escolas, trouxe-me inquietações a respeito das funções que um coral exerce quando inserido no espaço escolar. Também inquietava-me constatar que nas escolas com as quais tive contato, a prática coral era oferecida somente como atividade extracurricular. Desta forma, os questionamentos sobre a função da música nesta prática bem como, as relações estabelecidas entre a escola, regente, coralistas e familiares com este tipo de atividade intensificaram-se. Estas inquietações a respeito da prática coral em escolas motivaram a realização desta pesquisa de mestrado, juntamente com a pretensão de reunir informações sobre a quantidade de corais escolares existentes em Florianópolis e sobre a prática musical desenvolvida por estes grupos, o que não foi encontrado em publicações acadêmicas, *sites* ou outras fontes.

A revisão de literatura realizada auxiliou a delimitar o tema – As funções da prática coral no contexto escolar – até então não pesquisado. Este conjunto de fatores gerou a seguinte questão: Quais as funções da prática coral no ensino fundamental em escolas da cidade de Florianópolis? Outras questões secundárias associadas a esta questão geral foram assim formuladas: De que forma o coral está inserido em diferentes contextos escolares do ensino fundamental? O que pensam os diretores, regentes, pais e coralistas sobre a prática coral na escola? Quais são os objetivos da escola, do regente, dos estudantes e das famílias com relação ao coral?

A partir destes questionamentos, o principal objetivo desta pesquisa foi investigar as funções da prática coral em escolas de ensino fundamental no município de Florianópolis. Para efetivar tal objetivo foi necessário mapear os corais das escolas de ensino fundamental da cidade de Florianópolis; identificar de que forma a prática coral está inserida nas escolas públicas e privadas, seja através de oficinas, atividades extracurriculares e outras; conhecer as

características de diferentes grupos corais escolares (público alvo, faixa etária, repertório, metodologia de trabalho, dentre outros); analisar os objetivos dos diretores, regentes, estudantes e familiares com relação à prática coral realizada e identificar as possíveis relações entre as práticas realizadas, principalmente em relação ao repertório utilizado, e as funções que os corais exercem em seus respectivos contextos.

Este estudo foi realizado em duas etapas: um estudo exploratório e, a partir dos dados obtidos nesta etapa, o estudo de casos múltiplos. O trabalho será apresentado em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata de alguns temas relacionados à prática coral escolar, as funções que a música exerce neste contexto assim como a música como direito de todos. O segundo capítulo retrata a trajetória da pesquisa, descrevendo o caminho metodológico percorrido, as escolhas realizadas e de que forma os dados foram coletados e organizados em categorias, para, então, no terceiro capítulo ser descrito o contexto pesquisado. No quarto capítulo é realizada a análise dos dados coletados a partir dessas categorias, na tentativa de responder as questões levantadas no início da pesquisa. Por fim, nas considerações finais é apresentada uma reflexão acerca da realização deste trabalho e das possibilidades de novas pesquisas em relação a este tema.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 A PRÁTICA CORAL ESCOLAR

Esta revisão de literatura tem por objetivo discutir temas relacionados à presença da música na escola a partir da atividade de canto coral. Está dividida em três partes. A primeira parte trata de três aspectos relacionados à prática coral. Primeiramente serão apresentados os principais métodos de educação musical que incentivam e podem auxiliar esta prática na escola. O segundo tema é um panorama acerca das produções acadêmicas (teses e dissertações) que discutem sobre esta atividade. E o terceiro tema apresenta três pesquisas realizadas em Florianópolis que retratam algumas características sobre a prática coral escolar neste município. A segunda parte traz uma discussão acerca das funções da música na escola e na sociedade a partir de categorias a esse respeito, tendo como principal fundamento as que foram apresentadas por Allan Merriam (1964), sobre as funções sociais da música. E a terceira e última parte apresenta elementos sobre o direito de todos os estudantes aprenderem música na escola.

1.1.1 A experiência de cantar na escola

A presença do canto coral nas escolas brasileiras teve a importante contribuição de Villa-Lobos através da implementação do canto orfeônico na década de 30. De acordo com Penna (1990), a atividade de canto coral “no Brasil, expandiu-se amplamente com a ação de Villa-Lobos com o canto orfeônico” (p. 68). Para Villa-Lobos toda a nação deveria cantar e o papel do canto coral na escola, para tanto, era essencial. Os principais objetivos a serem alcançados através desta atividade musical, eram: educar musicalmente a nação, democratizar o acesso a música, valorizar o folclore nacional, elevar o nível cultural da população e desenvolver a disciplina e o civismo (PAZ, 1989). “Villa Lobos conseguiu que um país sem tradição vocal, como o nosso, cantasse” (PAZ, 1989, p. 14). Este educador musical, na intenção de disponibilizar um material que mediasse o conteúdo a ser cantado, desenvolveu material didático específico para o canto orfeônico, dentre eles, o Guia Prático com canções do folclore brasileiro (PAZ, 1989). O Guia Prático pode ser utilizado tanto para a prática individual como para o ensino. Compreende diversas formas de execução: coro, instrumento

solista, ou conjunto instrumental. Reúne obras do cancionero infantil brasileiro e traz diversos gêneros musicais (VILLA-LOBOS, 2009, p. 42).

Villa-Lobos teve contato com a metodologia utilizada por Zoltán Kodály (FONTERRADA, 2005), cuja base pedagógica para o aprendizado musical é o canto. O ato de cantar, manifestado através do canto coletivo, é o “recurso preferido por Kodály em seu método de musicalização, é um excelente meio para a prática musical coletiva, até mesmo economicamente, pois cada criança traz em si seu próprio instrumento – a voz” (FONTERRADA, 2005, p. 185). Complementando esta idéia, Silva (2011) afirma que “para Kodály, o principal meio de acesso à música é o uso da voz, o cantar, disponível a qualquer pessoa e presente durante toda sua vida. Em sua metodologia, é cantando que o aluno se expressa musicalmente e desenvolve a habilidade de ler e compor música” (p. 68). Na proposta pedagógica de Kodály “o cantar envolve três tipos de materiais musicais: canções e jogos infantis cantados na língua materna; melodias folclóricas nacionais (com futuro acréscimo de melodias de outras nações); temas derivados do repertório erudito ocidental” (IDEM, p. 57). Este cantar, portanto, envolve, prioritariamente, canções folclóricas, pois estas “canções oportunizam a vivência natural de rimas, frases, formas e que estão diretamente ligadas ao idioma materno, no qual a criança cresce e se comunica” (IDEM, p. 58). Proporcionar a todos o acesso ao canto é também prioridade neste método. De acordo com Fonterrada (2005), “o objetivo do método de educação musical de Kodály é ensinar o espírito do canto a todas as pessoas, além da alfabetização musical para todos, trazendo a música para o cotidiano, nos lares e nas atividades de lazer, de modo a formar público para a música de concerto” (p. 142).

Fonterrada (2005) identifica elementos que Villa-Lobos utilizou a partir do contato com o método Kodály, trazendo, assim, aspectos que podem ser considerados comuns entre os dois métodos:

as características do método [Kodály] que chamaram a atenção de Villa-Lobos foram: o uso de material folclórico e popular da própria terra; a ênfase no ensino da música por meio do canto coral, o que, sem dúvida, democratizava o acesso a essa arte; o uso do manossolfá – conjunto de sinais manuais destinados a exercitar a capacidade de solfejar dos alunos (FONTERRADA, 2005. p. 196).

A presença de Kodály e Villa-Lobos (FONTERRADA, 2005; SILVA, 2011; PAZ, 1989) retrata a contribuição desses educadores musicais, a partir de suas concepções e metodologias, em relação à atividade de canto coral na escola. Para estes educadores, a voz era considerada como principal instrumento na aprendizagem musical, priorizando, assim, a realização do canto coral (FONTERRADA, 2005).

Outro pedagogo que contribui com a educação musical através do uso da voz é Edgar Willems. De acordo com Parejo (2011), este educador considera que a criança pode cantar antes de falar. Para ele isto é um elemento facilitador que pode auxiliar nas escolhas feitas pelos adultos para as interações musicais com as crianças. Outro fator é o incentivo ao desenvolvimento da percepção auditiva. De acordo com Fonterrada (2005), “para ele, toda criança pode ser preparada auditivamente, de modo a aprender a ouvir os materiais sonoros básicos que compõem a música e a organizá-los como experiência musical” (p. 126). E neste sentido, este educador favorece a educação musical para todos, pois “aponta para a necessidade de fomentar a cultura auditiva para todos, colocando-se contrariamente à idéia, então ainda muito difundida, do ensino musical exclusivo para pessoas talentosas” (IDEM, p. 126). Para Willems, a melodia é “o elemento primaz. Disso decorre o lugar central que o canto e as canções ocupam no método” (PAREJO, 2011, p. 103). Assim, as canções são classificadas pelo autor com finalidades didáticas: canções populares tradicionais, canções simples para principiantes, canções que preparam para a prática instrumental, canções de intervalos, canções para cantar com mímica, canções ritmadas e canções improvisadas (IDEM, p. 104).

Por último e não menos importante, destaca-se a contribuição de Carl Orff pela sua concepção de “educação musical **elementar** ou básica” (BONA, 2011, p. 140, grifo do autor). Como diz Bona (2011), “para o autor, a música elementar oferece oportunidades para vivências significativas, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo” (IDEM). De acordo com Fonterrada (2005), esse conceito compreende “uma música que envolvesse fala, dança e movimento, partisse do ritmo e servisse de base à educação musical da primeira infância” (p. 147). Seu material pedagógico contempla a linguagem, o canto e prática instrumental, no qual enfatiza o uso de canções folclóricas, jogos e brincadeiras próprias do universo infantil (BONA, 2011).

Esta breve apresentação de métodos amplamente divulgados e conhecidos de educação musical evidencia que a atividade de cantar está presente de forma enfática em várias propostas educativas. O canto, individual ou em grupo, é indicado para o contato direto com a música, e na opinião destes educadores musicais, representa uma proposta acessível a todos que contribui de forma eficiente para o desenvolvimento musical. Assim, as considerações sobre a presença do canto coral na escola a partir do pensamento de Villa Lobos e Kodály, bem como o uso da voz, diante das idéias de Willems e Orff, aplicam-se como possibilidades de efetivar a presença da música no contexto escolar.

1.1.2 Pesquisas sobre a prática coral nas escolas brasileiras

O primeiro passo para fazer um mapeamento sobre o que se tem discutido a respeito da prática coral nas escolas foi identificar a produção acadêmica sobre este assunto. A partir de dois levantamentos já realizados (FERNANDES, 2005; CERQUEIRA, 2011) foram localizados vinte e nove trabalhos de pós-graduação (dissertações de mestrado e teses de doutorado) no período de 1990 até o ano de 2009 no Brasil que discutem aspectos relacionados à prática coral. Estas produções estão inseridas principalmente nos programas de pós-graduação em Música e Educação. Os contextos onde estas pesquisas se realizaram dividem-se, principalmente, entre corais religiosos, corais escolares, corais em projetos sociais e corais de empresas. Os temas abordados remetem aos aspectos relacionados à formação e atuação do regente, ao processo de desenvolvimento musical dos coralistas, ao repertório, à técnica vocal, trajetória histórica dos corais, movimentação (coro cênico), entre outros.

Com o objetivo de aprofundar este levantamento, foi feita uma nova busca utilizando o portal da CAPES, mantendo o interesse nos textos de dissertações de mestrado e teses de doutorado. As palavras-chave utilizadas nesta busca foram: canto coral, coro adulto, coro infantil, coro infanto-juvenil, coral, coral infantil, coral infanto-juvenil e coro escolar. Foram identificadas dezenove pesquisas. Estas pesquisas ocorrem em contextos semelhantes às identificadas anteriormente e se assemelham também em relação aos temas pesquisados. Diferem, porém, em relação aos programas de pesquisa, onde estas pesquisas estão inseridas. Entre elas, destaca-se a realização de pesquisas na área de Fonoaudiologia e Estudos Linguísticos, apontando certo interesse em compreender o funcionamento da voz nas atividades com corais.

A partir destes levantamentos foi feito um filtro para as pesquisas realizadas com corais infantis, infanto-juvenis e juvenis em contexto escolares e não-escolares. Tendo como referência as palavras-chave e resumos apresentados no portal da CAPES, foi possível identificar o que vem sendo pesquisado e discutido sobre a prática de coral infantil, infanto-juvenil e juvenil no contexto da pós-graduação brasileira.

Das 21 (vinte e uma) pesquisas localizadas, 8 (oito) delas discutiram aspectos relacionados ao repertório. Em 1996, Chevitarese questionava a falta de repertório para corais infantis e juvenis. A autora fez orientações a partir do Guia Prático de Villa Lobos e das 20 Rondas infantis de Edino Krieger para auxiliar no processo de afinação, a partir do repertório (CHEVITARESE, 1996). Carvalho (2007) constatou que a partir do repertório as crianças

constroem significados e que isto contribui para a construção de suas identidades. Ballesteros (2008) verificou que a escolha do repertório, sua preparação e contextualização proporcionam aprendizagens significativas no canto coral. Há referências também sobre a escolha do repertório em relação à idade dos coristas para uma adequação consciente da extensão vocal do repertório com a extensão possível para determinada idade (OLIVEIRA, 1996; MARDINI, 2007). Alguns autores compartilharam da idéia de que o repertório deve ser variado e que sejam proporcionadas experiências diversificadas, sendo esta diversidade indicada tanto para as crianças como para os jovens (VERTAMATTI, 2006; LIMA, 2007; COSTA, 2009). Neste repertório diversificado estariam incluídas músicas que pertencem ou não ao universo midiático, conhecido das crianças e jovens. O objetivo da diversificação de repertório está na possibilidade de ampliação das referências musicais que são oferecidas através da prática coral, familiarizando os cantores com diversas formas de fazer música. Segundo Lima (2007), “a plena aceitação pelos cantores do repertório revela que esses não sentem nenhum desconforto ao cantar obras que normalmente não são veiculadas pela grande mídia” (p. 152).

Em 2010, Chiarelli e Figueiredo fizeram um levantamento sobre os trabalhos apresentados nos encontros nacionais e congressos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) no período de 1992 a 2009 e constataram que entre os 66 (sessenta e seis) trabalhos encontrados sobre Canto Coral, 22 (vinte e dois) discutiam aspectos relacionados a coral infantil e/ou infanto-juvenil (CHIARELLI; FIGUEIREDO, 2010). Entre os diversos temas abordados nestes artigos vale destacar alguns trabalhos que discutem a prática coral diretamente nas escolas de educação básica.

Castro (2005) relata um projeto desenvolvido em escolas municipais com o objetivo de integrar o meio artístico com o meio cultural através de atividades musicais com corais. Oliveira (2005) apresenta a possibilidade de inserir o canto coral no currículo escolar através de um projeto que tem por objetivo romper com a idéia de que a atividade de canto coral é somente uma atividade de lazer e recreação, com função de apenas ensaiar para apresentações e, assim, avança no sentido de propor que esta atividade seja para dar oportunidade ao desenvolvimento musical, intelectual e social do aluno. Ribeiro (2007) relata uma experiência com canto coral na escola defendendo também a idéia de inserção desta prática no currículo. Entretanto, tal discussão não inclui indicações mais aprofundadas sobre como realizar esta inserção. E por fim, o relato de Lopes (2009) apresenta um projeto de atividades musicais através do canto coral no contra-turno. Tais atividades são planejadas e desenvolvidas para que a música conquiste seu espaço no contexto escolar e como consequência possa demonstrar sua legitimidade como conteúdo.

Os trabalhos aqui listados representam que existe literatura sobre a prática coral na produção acadêmica brasileira. Entre estes trabalhos nota-se que a escolha do repertório é um tema recorrente e determinante na construção de conceitos e significados, e que o mesmo assume uma função de ampliar culturalmente o universo das crianças pelo fato de proporcionar o acesso a diferentes culturas. Entretanto, conceitos e reflexões a respeito das funções que o coral exerce neste contexto não estão explícitas nestes trabalhos, sendo eventualmente associadas a algum tipo de atividade realizada. Tal fato indica a possibilidade de se pesquisar mais sobre que funções o coral estaria exercendo no ambiente escolar, uma vez que diferentes aspectos referentes às funções que envolvem o coral, e assim, paralelamente, a função da música nesta atividade, não têm sido estudados sistematicamente.

1.1.3 A prática coral escolar no município de Florianópolis

Duas pesquisas sobre a prática coral nas escolas foram realizadas na rede municipal de Florianópolis: Finck (1997) e Borges (2003). Segundo Finck (1997) o canto coral em Florianópolis não se manteve presente nas escolas municipais de forma continuada. Nesta pesquisa, a autora faz um relato do Projeto Canto Coral que permaneceu no período de 1992 a 1996. Constata que a falta de apoio do poder público e também a falta de empenho e determinação, tanto das escolas, quanto da comunidade, contribuíram para a descontinuidade desta atividade (FINCK, 1997).

Em 1998 a música passa a fazer parte do currículo através do componente Artes na rede municipal de ensino do município de Florianópolis. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) estabeleceu o ensino de arte como componente curricular obrigatório, assim como indicou a liberdade e autonomia dos estados e municípios para a elaboração de seus projetos político pedagógicos. Desta forma, após uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e o Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, as escolas da rede municipal de Florianópolis inserem no currículo as disciplinas de música, teatro e artes visuais a partir de 1998 (BORGES, 2003). Além de terem música como disciplina, ocorre uma parceria com a Fundação Franklin Cascaes (FFC), fundação cultural do município de Florianópolis, que coordena um projeto denominado Oficinas de Arte nas Comunidades, inserindo dessa forma atividades extraclasse nas escolas que apresentavam projetos específicos. É a partir destas ações da FFC que o Projeto Coral retorna às escolas nos anos de 2001 e 2002 (BORGES, 2003), como atividade extracurricular na rede municipal de Florianópolis. Isto quer dizer que

durante cinco anos a atividade de canto coral esteve ausente destas escolas. O retorno destas atividades, segundo Borges (2003), está associado a interesses políticos, afirmando que o aspecto pedagógico fica de lado e não há continuidade no trabalho. E assim, as oficinas permaneceram até o ano de 2009, quando por decisão do secretário da educação, o projeto de corais na escola é transformado num único coral: O Coral Municipal.

Ainda sobre a prática coral nas escolas em Florianópolis, Malotti (2006) realizou uma pesquisa com cinco grupos corais de contextos diferentes – sendo dois corais escolares –, para compreender as concepções dos regentes sobre educação musical nestes espaços. Entre outros aspectos, foram identificados os objetivos e funções desses corais a partir das perspectivas dos regentes. Sua pesquisa retrata que os corais, de uma maneira geral, assumem uma função de confraternização e socialização, sendo que a educação musical não é referenciada como objetivo principal (MALOTTI, 2006). Os corais escolares assumem uma função artística e de representar a escola. Assim, nestes contextos, Malotti (2006) afirma que “[...] a educação musical não é prioridade entre os objetivos e funções dos coros, e que o compromisso com apresentações torna esta possibilidade ainda mais distante [...]” (p. 46).

Estes trabalhos realizados especificamente no contexto do município de Florianópolis trazem dados positivos sobre a prática coral, já que são várias as atividades realizadas ao longo do tempo. A descontinuidade dos projetos e o foco em elementos não necessariamente educacionais fazem parte desta realidade e também representam aspectos comuns na atividade coral em diversos contextos. Assim, ampliar os trabalhos de investigação neste contexto de Florianópolis pode ser uma estratégia importante para que se conheça melhor a realidade da prática coral escolar, oferecendo alternativas para o desenvolvimento de experiências consistentes e significativas em termos de educação musical.

1.2 AS FUNÇÕES DA MÚSICA NA ESCOLA E NA SOCIEDADE

A música está presente na sociedade de diferentes formas e com objetivos e funções diversas. Dependendo do contexto onde ela está inserida, pode ser compreendida exercendo diferentes papéis. Por exemplo, pode-se constatar a presença da música em hospitais exercendo uma função terapêutica, em empresas com função de descontrair seus funcionários, em escolas exercendo funções educacionais, de entretenimento, para despertar emoções, entre outros. Diante desta diversidade de funções, estudos vêm sendo realizados para compreender quais funções a música exerce em diferentes contextos.

Na área de educação musical é possível identificar diferentes trabalhos com o interesse em compreender quais funções a música vem exercendo no âmbito educacional, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Para esta compreensão, trabalhos têm recorrido à categorização das funções sociais da música apresentadas por Allan Merriam (1964). São elas: função de expressão emocional; função de prazer estético; função de entretenimento; função de comunicação; função de representação simbólica; função de resposta física; função de impor conformidade às normas sociais; função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos; função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura e função de contribuição para a integração da sociedade.

Para chegar a esta categorização o autor salienta a importância de compreender o significado das palavras ‘usos’ e ‘funções’. Merriam (1964) afirma que “a música é usada em certas situações e se torna uma parte delas, mas pode ou não ter uma função mais profunda” (p. 209, tradução nossa). No cotidiano escolar, por exemplo, podemos identificar alguns momentos em que a música é usada para acompanhar atividades. Na hora do lanche, canta-se uma canção que fala de alimentos ou ainda, durante uma atividade em sala de aula, professores usam músicas para relaxar e/ou aumentar a concentração. Nestes exemplos, percebe-se a presença da música como um meio para realizar outras atividades. O termo ‘função’ está relacionado com o motivo pelo qual a música é utilizada “e particularmente um propósito mais amplo no qual ela serve” (MERRIAM, 1964, p. 210, tradução nossa). Assim, para compreender que funções a música exerce num determinado contexto, faz-se necessário o entendimento do uso que se faz dela.

Na educação básica duas pesquisas foram identificadas utilizando como referência as funções sociais da música. Hummes (2004) investigou as funções do ensino de música na escola, bem como de que forma esta se faz presente neste contexto a partir das perspectivas de diretores de escolas municipais. A autora constata que para os diretores é importante ter o ensino de música como área de conhecimento, porém estes “não têm informações específicas sobre este ensino” (HUMMES, 2004, p. 101). A música se faz presente na escola através de diferentes atividades musicais, principalmente nos eventos promovidos pelas escolas (IDEM, 2004). O resultado da pesquisa evidenciou outras funções, além das apresentadas por Merriam (1964): “a música como meio para se trabalhar outros componentes curriculares, para o desenvolvimento da concentração e disciplina, bem como área de conhecimento foram acrescentadas” (HUMMES, 2004, p. 101).

Sanchotene (2006) baseou-se nas perspectivas dos professores de cinco escolas estaduais para compreender de que forma a música se fazia presente neste contexto e as

funções que exercia. Além das funções sociais apontadas por Merriam (1964), como resultado de pesquisa, também identificou a existência de outras duas: função escolar da música, na qual a música é utilizada para “[...] auxiliar na aprendizagem e na apresentação de outros conteúdos” (SANCHOTENE, 2006, p. 76) e a função de publicidade exercida pela música para divulgar a escola. A autora justifica a função de publicidade afirmando “[...] que de uma forma positiva, divulga à comunidade o que a escola produz, desenvolve e apresenta. Como uma forma de prestação de contas do que é realizado lá dentro” (IDEM, p. 70). Complementa afirmando que existem diferentes atividades para divulgar uma escola, porém em sua pesquisa, constatou que “[...] a principal é através das atividades que utilizam música [...] apresentações em datas festivas, danças, corais, batizado de capoeira, teatros...” (IDEM, p. 74).

No trabalho intitulado *Música e Sociedade*, Freire (2011) buscou compreender, a música que se ensina no contexto universitário, referente aos cursos de graduação em música. A autora parte do pressuposto de que música e sociedade são conceitos inseparáveis, além de considerar que “a sociedade, em certo sentido, depende da música, que exerce, inquestionavelmente, função/ou funções de natureza social” (p. 21). Utilizou como referencial a categorização realizada por Merriam (1964) a respeito das funções sociais da música para compreender a organização do currículo de música no ensino superior. Tal categorização permitiu, segundo a autora, “uma aproximação do objeto de estudo – a música – e à coleta de subsídios para análises posteriores, fundadas em outras perspectivas metodológicas” (FREIRE, 2011, p. 37). Assim, a autora propõe uma reestruturação para os currículos em música a partir do estabelecimento de sete diretrizes, as quais servirão para fundamentar a elaboração destes. São elas: historicidade; criação de conhecimento; preservação de conhecimento; reflexão crítica e elaboração teórica; prática atual; implicação política e expressão estética (IDEM, 2011).

Em relação às funções da música no contexto escolar, Souza e colaboradoras (2002) realizaram uma pesquisa com professores do ensino fundamental de diferentes escolas. O objetivo foi identificar as concepções e vivências dos professores em relação à presença da música na escola: a música como disciplina curricular, o pensamento dos professores sobre esse ensino e o que se ensina de música neste contexto (SOUZA *et al*, 2002). A presença da música nas escolas pode constituir-se através de práticas musicais específicas, desenvolvidas a partir de disciplina obrigatória e/ou como uma atividade extracurricular, onde podem manifestar-se com maior clareza usos e funções especificamente musicais. Souza e colaboradoras (2002) afirmam que é possível identificar esta presença a partir de quatro configurações: atividade opcional ou extracurricular, como disciplina específica, inserida na

disciplina de Educação Artística¹ e como parte das atividades nas séries iniciais. Estas configurações estão presentes na escola através de corais, orquestras, oficinas de instrumentos, a própria disciplina de música e como parte de outras disciplinas. Estes formatos não impedem que a música cumpra seu papel enquanto área de conhecimento, desde que quem esteja à frente destas atividades, seja um professor devidamente habilitado, com formação adequada para tratar do ensino de música em diversas situações. Nesta pesquisa, as autoras fundamentaram as discussões a partir de outras categorias que derivaram dos dados coletados. São elas: música como terapia; música como auxiliar no desenvolvimento de outras disciplinas; música como mecanismo de controle; música como prazer, divertimento e lazer; música como meio de transmissão de valores estéticos; música como meio de trabalhar práticas sociais e valores e tradições culturais dos alunos e música como disciplina autônoma (SOUZA *et al*, 2002).

A literatura pesquisada para a realização deste trabalho evidenciou que não há estudos específicos sobre as funções que os corais exercem na escola, bem como as funções da música nesta atividade musical. Considerando que a música na escola exerce uma função educacional e que esta também é uma função social, decidiu-se fundamentar as análises dos dados desta pesquisa a partir das funções identificadas com a revisão. Há de se considerar que a lista de funções categorizadas por Merriam (1964) “resume o papel da música na cultura humana” (p. 227, tradução nossa). Com base no pensamento deste autor, Freire (2011) afirma que “essas categorias não são excludentes (ou seja, um mesmo evento musical pode desempenhar duas ou mais funções) e que elas têm intensidades diferentes nas diversas sociedades e em momentos históricos distintos” (p. 31). Assim, outras funções podem surgir (MERRIAM, 1964).

É comum ouvirmos as pessoas se manifestarem em relação aos seus sentimentos, ideias e valores através da música. Pessoas buscam músicas alegres para demonstrar sua alegria, músicas românticas para representar sentimentos de amor, por exemplo. Algumas vezes na letra da música não estão claros tais sentimentos, mas o estilo, a melodia, podem transmitir tais sentimentos como se a música fosse um condutor destas emoções. Neste sentido, a música exerce uma função de *expressão emocional*. Segundo Merriam (1964), “a música parece estar envolvida diretamente com a emoção e assim, [ser] considerada como um veículo para as diversas formas de expressões de ideias e emoções” (p. 219, tradução nossa). De acordo com a discussão apresentada por Hummes (2004), a letra da música retrata a “liberação

¹ As autoras se referem aqui à disciplina de Artes, uma vez que a partir de 1996 o termo Educação Artística foi substituído.

das ideias reveladas ou não reveladas na fala das pessoas” (p. 39-40), o que pode ser observado em canções que retratam problemas sociais, sentimentos contrários a alguma situação ou até mesmo como desabafo (MERRIAM, 1964).

A música pode ser entendida como forma de tranquilizar, acalmar, interferindo em reações adversas, assumindo, de acordo com Souza e colaboradoras (2002), uma *função terapêutica*. Segundo as autoras, “foi comum o argumento de que a música é importante porque acalma, relaxa, libera e tranquiliza os alunos, principalmente aqueles com problemas emocionais, podendo propiciar a integração e harmonização do aluno no grupo” (SOUZA *et al*, 2002, p. 58). Esta situação também pode estar relacionada ao interesse de alguns pais, por exemplo, em colocar os filhos a cantar no coral, na intenção de que tal atividade possa deixá-los mais calmos.

Merriam (1964) apresenta a *função de prazer estético* como uma das maiores funções da música. A estética, segundo este autor, está relacionada à música tanto do “ponto de vista do criador quanto do contemplador” nas diferentes culturas (MERRIAM, 1964, p. 223, tradução nossa). Na prática coral, favorecer aos participantes o contato com diferentes formas de expressão em relação à música vocal poderia ser uma das atividades realizadas que proporcionaria o exercício da função de prazer estético. Em relação a esta função, Freire (2011) destaca o papel do “contemplador” sob dois aspectos: o próprio aluno como contemplador e “a relação do aluno com as pessoas que contemplam suas realizações musicais” (FREIRE, 2011, p, 157). Outro aspecto a ser considerado nesta função é a possibilidade de criação na atividade musical. Contudo, nem sempre esta possibilidade é contemplada nas atividades musicais, pois é comum observarmos a ênfase dada à reprodução do que já está pronto. Em concordância com Freire (2011), “se o aluno se limita a reproduzir, ele deixa de exercitar o prazer estético em sua modalidade mais plena, ou seja, aquele inerente ao ato de criar” (p. 156).

Segundo Souza e colaboradoras (2002), a função intitulada *música como meio de transmissão de valores estéticos*, parece não estar tão evidente entre os participantes do estudo por elas realizado. Poucos associaram a educação musical como educação estética. Segundo as autoras, se faz necessário que “os alunos tenham experiências estéticas em música e construam a noção ‘do belo, do sensível, do poético’ [...]” (SOUZA *et al*, 2002, p. 68).

Para Merriam (1964) a música exerce a *função de entretenimento* em todas as sociedades (p. 223). Atividades extras ligadas à música, ao esporte, por exemplo, às vezes são associadas como opções a serem oferecidas nas escolas para que os alunos tenham momentos de prazer, diversão, ou seja, de entretenimento. No estudo de Souza e colaboradoras (2002),

esta função está sob o título de *música como prazer, divertimento e lazer*, porém com o mesmo significado. Segundo as autoras, “para algumas professoras, a principal meta das atividades musicais era fazer com que o cotidiano escolar ficasse mais atraente e alegre” (SOUZA *et al*, 2002, p. 67). Este pensamento também pode ser observado na prática coral, pois é comum coralistas de todas as idades justificarem sua presença nesta atividade para se divertirem e sentirem prazer. Esse pensamento enfatiza a prática musical com função de divertimento, lazer e recreação.

Em relação à *função de comunicação*, Merriam (1964) afirma que a música comunica alguma coisa, mas “não é claro o quê, como, e para quem” (p. 223, tradução nossa). Destaca ainda que “música não é uma linguagem universal”, ela adquire forma de acordo com a cultura na qual está inserida (IDEM, p. 223, tradução nossa). O autor também ressalta que pelo fato da música ser uma atividade humana compartilhada entre as pessoas, de pessoa para pessoa, subentende-se que ocorra a função de comunicação. Esta função pode ser evidenciada pelo tipo de repertório utilizado. Na medida em que uma música conhecida é ensinada, o aluno pode assimilar com maior rapidez e significado. Do contrário, pode ocorrer certo estranhamento. Um exemplo é o uso de canções em outro idioma que não seja o falado pelo aluno. Isto não quer dizer que seja um impedimento ou até que não deva ser ensinado este tipo de repertório, pelo contrário, quanto mais diversificadas as experiências mais possibilidades de aprendizado são favorecidas ao aluno.

Merriam (1964) se refere à *função de representação simbólica* afirmando que “quase não há dúvidas sobre a função da música em todas as sociedades como uma representação simbólica de outras coisas, ideias e comportamentos” (p. 223, tradução nossa). O autor associa a música com diferentes ‘papéis simbólicos’ sejam eles representados através das letras das músicas, dos significados afetivos ou culturais, sobre a reflexão do comportamento cultural e outros valores e o simbolismo profundo de princípios universais (IDEM, 1964). Neste caso também se pode associar esta função simbólica com o uso do repertório. Simbolicamente as canções podem estar associadas aos eventos culturais como festas juninas, celebrações de Páscoa e Natal. As canções são selecionadas de acordo com o significado de tais eventos, representando assim, estas festividades.

A *função de resposta física* identificada por Merriam (1964) é também questionada por este autor, que reflete se esta função realmente deve estar incluída no grupo de funções sociais. Entretanto, o autor afirma que a música causa reação física e isso é possível de ser visualizado na sociedade de acordo com o uso convencional que cada cultura faz. E por isso destaca que esta função não deve estar associada à reação biológica, pois a reação física “é

culturalmente moldada” (IDEM, p. 225, tradução nossa). Na prática coral é comum observarmos a junção da expressão corporal com a música, o que pode evidenciar o exercício desta função.

A *função de impor conformidade às normas sociais* é considerada por Merriam (1964) como uma das principais funções da música. As letras das canções, em várias culturas, trazem normas sociais e “ditam o que é próprio e impróprio no comportamento humano (p. 224, tradução nossa)”. Este fato é exemplificado pelo autor nas canções de cerimônias de iniciação, assim como, nas canções de protesto. É possível perceber nas atividades musicais realizadas nas escolas o uso de canções que falem das normas a serem cumpridas neste espaço, assim como a escolha por músicas que determinam qual o comportamento esperado. Pode-se também associar esta função com a de desenvolvimento de outras áreas como a concentração, organização e responsabilidade, por exemplo, agregando a esta função, a formação de valores. Ou ainda, pensar no uso da música como uma forma propriamente dita para auxiliar no comportamento do aluno, onde a música assume uma função disciplinadora. Para Souza e colaboradoras (2002) esta função, entendida por *música como mecanismo de controle* foi identificada nos momentos em que a música se fazia presente na entrada e saída da sala, para ajudar no comportamento seja em sala de aula seja nas demais relações estabelecidas na escola, como por exemplo, cantar o Hino Nacional.

Para Merriam (1964), a *função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos* se dá pelo fato das canções expressarem “o próprio e o impróprio na sociedade” e os “preceitos religiosos”, respectivamente. As canções utilizadas tanto nas instituições sociais quanto nos sistemas religiosos assumem a função de validar os conceitos e crenças que envolvem a prática nestas instituições. Sanchotene (2006) ressalta que a escola pode através das atividades musicais desenvolvidas, demonstrar o trabalho realizado e assim se promover perante a comunidade onde está inserida. Por meio das apresentações realizadas, pelo fato de oferecer atividades extracurriculares envolvendo práticas musicais, a escola poderá fazer uso da música como forma de propagar sua imagem perante a comunidade, assumindo assim, segundo Sanchotene (2006) a *função de publicidade*. Esta função também pode ser entendida como a função de validação das instituições apresentada por Merriam (1964), na medida em que se percebem atividades musicais, com objetivos de validar a imagem da escola através de eventos e atividades promovidos neste contexto.

Outra função apresentada Merriam (1964) é a *função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura*. Esta função se justifica a partir do entendimento e apropriação das demais funções.

Se a música permite expressão emocional, dá prazer estético, entretém, comunica, induz resposta física, reforça conformidade para normas sociais, valida instituições sociais e religiosos, está claro que ela contribui para continuidade e estabilidade da cultura (MERRIAM, 1964, p. 225, tradução nossa).

Assim, pode-se dizer que na medida em que a música atinge as funções citadas acima, naturalmente, assume a função de contribuir para a continuidade e estabilidade da cultura. No estudo de Souza e colaboradoras (2002) esta função envolve considerar a educação musical “como meio para se trabalhar práticas sociais, valores e tradições culturais dos alunos²” (SOUZA *et al*, 2002, p. 68). Neste sentido, percebe-se o interesse em valorizar as tradições culturais a partir do cotidiano do aluno, considerando o contexto em que ele está inserido e relacionando com o tipo de repertório trabalhado em aula. Na prática coral esta função também pode ser evidenciada, de acordo com a proposta de trabalho dos regentes para os critérios na escolha do repertório.

Ao pensarmos nas atividades realizadas em conjunto, as quais fazem com que os indivíduos se reúnam com os mesmos objetivos, a música exerce, segundo Merriam (1964) a *função de contribuição para a integração da sociedade*. Nas palavras do próprio autor “a música então proporciona um ponto de encontro no qual os membros da sociedade se juntam para se engajarem em atividades nas quais requerem a cooperação e coordenação em grupo [...]” (IDEM, p. 227, tradução nossa). Reforçando esta idéia, o autor ressalta que “mesmo que nem todas as músicas sejam assim desempenhadas, cada sociedade tem ocasiões onde seus membros, através da música, se unem e relembram de sua própria unidade” (IDEM, p. 227). No contexto escolar, a opção feita pelos alunos em participar de atividades como a prática coral, pode demonstrar, de certa forma, essa vontade de integração das pessoas, na medida em que a atividade coral é sempre realizada em grupo.

A *função de auxílio no desenvolvimento de outras disciplinas* foi identificada por Souza e colaboradoras (2002), bem como por Hummes (2004) e Sanchotene (2006). De acordo com estas autoras, a música assume uma função auxiliar, como meio de alcançar outros objetivos, não sendo entendida como uma atividade em si. Dessa forma, a música fica em segundo plano, servindo como um apoio, uma ferramenta para ter acesso a outros conhecimentos. A *função da música como disciplina autônoma*, segundo Souza e colaboradoras (2002), no momento de sua pesquisa, parecia ainda estar distante de ser

² Música como meio para se trabalhar práticas sociais, valores e tradições culturais dos alunos também se refere a nomenclatura desta função apresentada por estas autoras.

conceituada como área de conhecimento, com “valores, conteúdos, tarefas e propósitos próprios” (p. 72). Na realidade, entre a maioria dos professores pesquisados havia o reconhecimento da música como área ou disciplina específica, afirmam as autoras acima citadas. Porém, naquele momento, os professores justificavam a presença da música na escola com a função de “servir a algum fim que não ela própria” (SOUZA *et al*, 2002, p. 70).

É importante destacar que a música, nas proposições apresentadas por Merriam (1964), sempre está relacionada a atividades humanas, integradas à cultura, não se constituindo como uma atividade isolada. Ao contrário, a música sempre está relacionada ao fazer humano, adquirindo maior ou menor relevância com relação a seus usos e funções na sociedade. No caso das pesquisas mencionadas (SOUZA *et al*, 2002; HUMMES, 2004; SANCHOTENE, 2006) fica evidente este uso da música como uma parte do processo escolar, como um dos elementos que podem ser úteis no processo de aprendizagem, já que esta atividade pode funcionar como intensificadora dos processos de concentração, de disciplina e de memorização, por exemplo. Assim como Merriam (1964) considerou que a função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura é exercida a partir do momento em que as demais funções por ele categorizadas se fazem presente na sociedade, a música poderia exercer uma *função educacional* independente do contexto e do objetivo principal de se relacionar com esta área. De acordo com Souza e colaboradoras (2002) “torna-se clara, também, a necessidade de repensarmos o que esperamos ou pretendemos para a educação musical escolar, pois ela poderá servir a diferentes funções e propósitos” (p. 22). E assim, considera-se que a função educacional permeia as atividades musicais presentes na escola, mesmo quando os principais objetivos da atividade não estão dirigidos para a educação musical propriamente dita. Ao assumir a função educacional em qualquer atividade musical presume-se que esta atividade poderia ser democrática, proporcionando a todos os educandos o contato com esta arte.

De acordo com Figueiredo e Schmidt (2005) “a música não é apenas um ‘meio’ para a educação. Ela é uma atividade, em si, educativa” (p. 391). E a prática coral também deveria exercer essa função, independente do tipo de contexto onde se insere. De acordo com Figueiredo (1990),

Não importa se o coral quer ser profissional ou amador, se quer cantar na igreja ou na indústria. O importante é tornar a atividade coral algo mais produtivo qualitativamente, que possa ser desenvolvida em vários níveis atendendo a diferentes objetivos, cumprindo uma função educacional (FIGUEIREDO, 1990, p. 17).

Com base neste pensamento, o próximo tema desta revisão irá discutir a presença da música na escola enquanto direito de todos. A intenção é complementar a discussão acerca das funções da música na escola, principalmente em relação à sua função educacional. Se a música desempenha tantas funções na sociedade ela integra direta e indiretamente a vida de todos os indivíduos. No caso da escola, onde se pretende ampliar o conhecimento sobre a produção humana em várias áreas, a música também deveria estar acessível a todos os estudantes.

1.3 A MÚSICA NA ESCOLA: DIREITO DE TODOS

Entre as discussões a respeito da música na escola, sua importância, usos e funções, outro tema abordado é: para quem a música deve ser ensinada? Ainda é comum o pensamento onde quem deve aprender música são aqueles que já têm certa pré-disposição para seu aprendizado, ou seja, aqueles que têm talento. Esse pensamento permeia a sociedade brasileira em diferentes níveis. De acordo com Figueiredo e Schmidt (2005) “esta noção pode ser encontrada tanto no senso comum, quanto entre alguns músicos e educadores musicais” (p. 386).

Expressões como: ‘esta criança tem talento para música’, ou ‘este menino tem talento para o futebol’, ou, ‘eu não tenho talento para estudar matemática’, ou ainda, ‘aquele professor realmente tem o dom de ensinar’, são comuns em conversas cotidianas. Há entre o senso comum a crença

[...] que as pessoas simplesmente nascem com determinados dons, enquanto outras nascem sem eles; que o talento individual e a alta inteligência são jóias relativamente raras [...]; que o melhor que podemos fazer é localizar e lapidar essas jóias – e aceitar as limitações inerentes ao restante de nós (SHENK, 2011, p. 14).

Se este pensamento permeasse os objetivos da educação escolar, a função do professor na sala de aula seria a de identificar em cada aluno o seu talento para aperfeiçoá-lo. Assim, cada aluno já traria para a sala de aula algo pronto para ser melhorado. Teríamos que dividir os alunos por classes com temas diferentes para abordar somente aquilo que eles já estariam pré-dispostos a aprender. Small (1998) chama a atenção para este tipo de situação onde o professor de música, especificamente, parece assumir esta função de identificar talentosos: “professores de música freqüentemente se vêem mais como agentes para a descoberta e a seleção de possíveis profissionais talentosos do que agentes para o

desenvolvimento da musicalidade presente em cada criança (p. 212, tradução nossa). Essa situação parece ser um tanto limitada, pois não favorece o acesso a diferentes possibilidades de conhecimentos, nem se respeita o papel da escola no processo de preparar os indivíduos para a vida. A ciência, por mais que ainda tenha apresentado respostas definitivas a respeito do que realmente venha a ser o talento e de que forma ele se apresenta nos indivíduos, considera a importância e a influência do meio na formação destes, além das suas características biológicas.

Na revisão feita por Figueiredo e Schmidt (2005) sobre a literatura a respeito do talento musical, os autores constataam que “mesmo admitindo que não há conclusões precisas sobre o talento musical, a literatura tem demonstrado a predominância do meio sobre as características inatas, além de enfatizar a possibilidade de desenvolvimento musical para todos os indivíduos” (p. 390). Dessa forma é possível pensar que todos podem ter acesso a todo tipo de conhecimento e que a escola, como local privilegiado de transmissão e construção do saber, deve propiciar este acesso. E quando se fala em todo tipo de conhecimento estamos considerando que a música também é uma das áreas do saber e que não deve ser direcionada apenas a alguns. Assim, justifica-se sua presença na escola, igualando sua importância às demais áreas. Para que realmente a música conquiste esse espaço, um dos desafios é compreender que aprender música envolve ações significativas e que o talento musical é um tema complexo que necessita de estudos e reflexões. É preciso superar a idéia de que para aprender música é preciso ter talento. Ou então, consideramos que todas as pessoas têm talento em algum grau e que necessitam de estímulos e oportunidades para desenvolvê-lo. Diante desta necessidade de entendimento sobre o talento musical, Figueiredo e Schmidt (2006) deram continuidade à reflexão sobre este tema a partir do pensamento dos estudantes universitários de música. Neste artigo publicado em 2006 os autores constataam que entre os estudantes há opiniões diferentes sobre o talento musical. Os estudantes consideram que é preciso ter talento para o aprendizado, mas também acreditam nas possibilidades do ser humano se desenvolver musicalmente. Essa duplicidade de pensamentos motivou os autores acima citados a continuar o estudo, avançando a discussão a partir da visão entre sujeitos não-músicos (FIGUEIREDO; SCHMIDT, 2008). O resultado da pesquisa entre os sujeitos não-músicos aponta semelhanças e diferenças entre a pesquisa com os estudantes universitários. A principal diferença, naquela amostra estudada, encontra-se relacionada à necessidade de ter talento para lidar com música, confirmada pelos estudantes universitários, sendo que os sujeitos não-músicos acreditam que o mesmo não seria necessário (FIGUEIREDO; SCHMIDT, 2008, p. 05). Os resultados de tal pesquisa, embora apresentem o ponto favorável proveniente da concepção dos não-músicos,

indicam preocupante fator de que a maioria dos estudantes de música, muitos dos quais serão futuros professores de música, indicou acreditar na importância do talento para a aprendizagem musical. Isto reforça a necessidade de maior aprofundamento nas discussões sobre a questão do talento.

O desafio de superação deste pensamento sobre a necessidade de talento para a realização de qualquer atividade musical continua. Como atividade extracurricular, a idéia de cantar num coral pode estar associada a quem já sabe cantar, ou a quem tem boa voz, é afinado e assim, perpetuar o pensamento de que estudar música continua sendo privilégio de alguns. Há regentes que fazem testes para o ingresso na atividade coral como forma de selecionar os melhores cantores, os talentosos, os mais afinados para participar (BÜNDCHEN, 2005). De acordo com este pensamento, Bündchen (2005) afirma que “essa realidade é atual e apresenta uma desconsideração total com o processo, com o sujeito capaz de aprender, de construir conhecimento sobre o canto e sobre a música” (p. 73-74).

Quando adultos, muitas pessoas deixam de cantar tendo em vista a classificação como desafinados recebida ainda na infância (SOBREIRA, 2003; COSTA, 2009). Segundo Costa (2009), “muitos são considerados desafinados, quando na verdade são mal orientados vocalmente, o que nada tem a ver com afinação” (p. 19). De acordo com Sobreira (2003), isto pode estar relacionado com a dificuldade do indivíduo em reproduzir a melodia que está ouvindo. A autora afirma que

Dependendo do grau de dificuldade que essa pessoa tenha para reproduzir a melodia de imediato, ela pode vir a ser classificada como desafinada. Porém, ela pode estar errando por não ter ainda conseguido memorizar a melodia correta. Neste caso, a pessoa poderia apenas estar cantando ‘notas erradas’, não devendo ser julgada desafinada (SOBREIRA, 2003, p. 36).

O entendimento de que a educação musical pode propiciar o desenvolvimento musical a todos os alunos permeará a reflexão sobre a prática coral, considerando que todos os alunos podem participar desta atividade, desde que sejam propiciadas experiências que favorecem este desenvolvimento. De acordo com Loureiro (2003) “qualquer pessoa pode aprender música e se expressar por meio dela, desde que sejam oferecidas condições necessárias para sua prática” (p.163), e dessa forma a autora justifica a necessidade de se oferecer música a todas as idades de forma ampla e democrática. Transferindo esta situação para a prática coral, especificamente, podemos considerar que todos os indivíduos poderão se desenvolver nesta prática musical se tiverem as condições adequadas e as orientações pertinentes para o uso da voz.

Naturalmente poder-se-ia pensar que a presença da música, principalmente num contexto educacional – a escola – envolveria ações democráticas que levassem o aluno a ampliar sua experiência com esta área do saber, assim como as demais áreas contempladas em sua formação escolar.

Esta revisão apresentou diferentes aspectos que se aproximam do tema pesquisado – a prática coral nas escolas. Os métodos de educação musical demonstram que o canto é uma proposta de atividade acessível a todos e assim, favorecem a existência de práticas musicais como a atividade de canto coral nas escolas. As pesquisas identificadas nos níveis de pós-graduação confirmam a presença de estudos a respeito desta prática. O tema repertório é o mais recorrido com possibilidades de ampliar culturalmente o universo do aluno. As pesquisas realizadas no município de Florianópolis trazem dados positivos em relação à atividade coral, porém evidenciam que esta prática nem sempre se fez presente nas escolas de forma contínua.

De maneira geral, as pesquisas realizadas sobre a prática coral refletem sobre a importância de aprofundar as discussões acerca desta prática nas escolas. As funções da música na escola e na sociedade têm sido objeto de estudos e demonstram que diferentes funções podem ser percebidas em diferentes contextos e práticas musicais. Todavia conceitos e reflexões acerca das funções que os corais vêm exercendo, e paralelamente, as funções da música neste contexto, não estão aparentemente presentes nestas pesquisas e merecem aprofundamento nas discussões. Constata-se que a música está relacionada ao fazer humano e sua presença como uma parte do contexto escolar pressupõe que todos podem aprender música, desde que lhes sejam oferecidas as condições favoráveis para este aprendizado.

2 ESCOLHAS QUE NORTEARAM O CAMINHO PERCORRIDO

2.1 ORIENTAÇÃO QUALITATIVA

Para alcançar o objetivo proposto para a realização deste estudo – investigar as funções da prática coral no ensino fundamental em escolas do município de Florianópolis – decidiu-se que a principal fonte de informações seria o próprio contexto escolar onde ocorre a atividade com o coral. Fazia-se necessário compreender as perspectivas dos principais envolvidos nesta atividade: diretores, regentes, coralistas e familiares. Assim, a metodologia que se adequou a este propósito foi a de orientação qualitativa. Este tipo de pesquisa fornece subsídios “para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26). A escolha pela orientação qualitativa permitiu inserir-se no ambiente a ser estudado e relacionar-se diretamente com o objeto de estudo mediante as observações, entrevistas e questionários realizados. Favoreceu também refletir e interpretar os dados coletados, a partir da análise subjetiva, construída ao longo do processo (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2001).

Inicialmente, pretendia-se realizar a pesquisa com todos os corais localizados no ensino fundamental da rede no município de Florianópolis. Assim, realizou-se um estudo exploratório através de um levantamento para identificar: quais escolas neste município possuíam atividades de prática coral, abrangendo rede pública e privada; de que forma esta atividade estava inserida na escola; horário da atividade; e disponibilidade destes corais participarem da pesquisa.

De acordo com Gil (2008), um estudo exploratório tem por objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (p. 41). Era necessário obter algumas informações acerca do contexto a ser pesquisado. Moreira e Caleffe (2006) afirmam que as “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fenômeno. Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla” (p. 69). A realização do estudo exploratório, neste caso, foi entendida como uma etapa inicial da pesquisa para a posterior delimitação do campo de estudo propriamente dito.

2.2 IDENTIFICAÇÃO DOS CORAIS ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

Diante do contexto proposto para esta pesquisa, corais escolares, o primeiro passo foi listar as escolas situadas neste município, das redes pública e privada, para então identificar entre essas escolas quais possuíam atividades com prática coral. A literatura de educação musical e prática coral não apresentam mapeamentos deste tipo em Florianópolis. Não há neste município nenhum tipo de organização, associação ou entidade que tenha feito até o momento da pesquisa este levantamento da prática coral, seja ela com corais infantis, infanto-juvenis ou adultos. Os dados sobre essa prática tem sido, até então, observados informalmente nos encontros de corais realizados nesta cidade, nas apresentações natalinas nos shoppings, entre outros.

Através dos *sites* da Secretaria Estadual de Educação³ (SED), da Secretaria Municipal de Educação⁴ (SMED) e do Sindicato das Escolas Particulares de Santa Catarina⁵ (SINEPE/SC) foi possível ter acesso a dados mais oficiais. No *site* da Secretaria Estadual de Educação não havia registro das escolas situadas no município de Florianópolis, mas sim contatos das Gerências de Educação de diversos municípios do Estado. Foi solicitada, através de contato telefônico, à Gerência de Educação de Florianópolis, a listagem das escolas e os possíveis contatos das mesmas no município de Florianópolis. As escolas municipais e particulares foram facilmente identificadas nos *sites* respectivos. A partir da listagem inicial uma primeira delimitação se fez necessária, pois entre essas escolas, algumas ofereciam exclusivamente outros níveis de ensino como: educação infantil, ensino médio e cursos técnicos. Estas escolas não foram consideradas como possíveis contextos para a pesquisa, assim como as escolas que ofereciam exclusivamente educação de jovens e adultos.

Como resultado, foram identificadas 99 escolas de ensino fundamental conforme a distribuição apresentada na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Quantidade de escolas de ensino fundamental no município de Florianópolis

Escolas municipais	27
Escolas estaduais	43
Escolas particulares	29
TOTAL	99

Fonte: Florianópolis, 2011; Santa Catarina, 2011; SINEPE/SC, 2011.

³ <http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/>

⁴ <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/>

⁵ <http://www.sinepe-sc.org.br/>

Após listar a quantidade de escolas no município, o próximo passo foi identificar entre essas escolas quais tinham atividade de canto coral. Esta etapa iniciou-se com as escolas particulares. O cadastro *online* destas escolas no SINEPE/SC continha telefones, endereços de *e-mail* e suas respectivas páginas na *internet*. Assim, num primeiro momento, após visitar estas páginas, foi possível identificar seis escolas que ofereciam a atividade de canto coral como atividade extracurricular. Para obter informações em relação às demais escolas particulares que não apresentavam informações nos *sites*, optou-se pelo contato via *e-mail* e, posteriormente, por telefone. Neste processo foram localizados mais três corais. O levantamento nas vinte e seis escolas particulares identificou nove corais.

O contato com as escolas estaduais foi realizado através de *e-mails*. Estes foram enviados e reenviados durante um período de três semanas, pois nem todas as escolas se manifestaram. Três escolas confirmaram a existência de corais. Durante esta fase as escolas estaduais entraram em greve e isto impediu a continuidade dos contatos por telefone com as escolas que não responderam aos *e-mails*. Desta forma, mantendo o cronograma para a realização da pesquisa, o resultado do levantamento realizado nas escolas estaduais pode identificar três corais.

Com as escolas municipais o primeiro contato também foi através de *e-mails*. Entre as quatro escolas que responderam os *e-mails*, uma delas informou a existência do coral da rede municipal. Ao realizar o contato por telefone com a SMED na busca de informações sobre o funcionamento deste coral, obteve-se a confirmação que em nenhuma outra escola desta rede havia esta prática. Tal informação substituiu os contatos que seriam realizados por telefone, considerando que já haviam sido enviados os *e-mails* e estes não tinham sido respondidos pela maioria das escolas.

Importante ressaltar que durante o levantamento, entre as noventa e nove escolas, apenas doze escolas responderam ao contato por *e-mail*. Durante um período de três semanas os *e-mails* foram enviados e reenviados para aquelas que ainda não tinham respondido. Este fato demonstrou que utilizar endereço eletrônico, pelo menos neste caso, com as escolas, não foi uma boa escolha, pois de certa forma o período de espera atrasou a continuidade do levantamento. O contato por telefone apresentou-se mais rápido e eficaz, embora com as escolas estaduais tenha ocorrido o período de greve.

Diante deste levantamento foram identificados treze corais. Para a continuidade do estudo, o próximo passo foi solicitar às escolas com atividades de prática coral a autorização para a participação destas na pesquisa. A intenção inicial era trabalhar com todos os grupos identificados. Entretanto, ao entrar em contato com as escolas, uma destas informou que não

possuía mais esta prática, seis escolas não autorizaram a pesquisa e cinco escolas concederam a autorização. Mesmo que todas as escolas tivessem autorizado, considerando o tempo de um ano para a realização deste estudo, compreendeu-se que não seria viável o estudo com todos os corais identificados. Assim, o estudo exploratório caracterizou a primeira etapa da pesquisa. O resultado obtido através do levantamento configurou um grupo viável para a realização de estudos de casos múltiplos para a segunda etapa. A Tabela 2 apresenta a síntese do levantamento realizado.

Tabela 2 – Número de corais nas escolas de ensino fundamental no município de Florianópolis

Rede de ensino	Total de corais	Autorização para a pesquisa
Corais em escolas particulares	08	04
Corais em escolas estaduais	03	00
Coral da rede municipal	01	01
TOTAL GERAL	12	05

Cabe ressaltar que foi encaminhada à SMED e aos diretores das escolas particulares com atividades de canto coral que aceitaram participar da pesquisa, a carta de apresentação do projeto (apêndice A) e o termo de consentimento para a participação das escolas na pesquisa (apêndice B).

2.3 O ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS

Os cinco corais que autorizaram a realização da pesquisa foram selecionados a partir do processo de levantamento realizado anteriormente. Esta seleção ocorreu devido ao fato de poucas escolas responderem aos contatos realizados, sendo estes cinco corais os que dentro do prazo viável responderam às solicitações para a realização deste estudo. O estudo com estes cinco corais configurou o estudo de casos múltiplos ou estudo multicase como o caminho metodológico mais adequado para compreender como ocorre a prática coral nestas escolas.

O estudo de caso, de acordo com Yin (2005), apresenta algumas variações, de modo que “inclui tanto estudos de caso único quanto de casos múltiplos” (p. 33). Esta possibilidade de estudar mais de um caso, através do estudo de casos múltiplos, permitiu o estudo com os cinco corais selecionados, considerando-os como cinco casos inseridos no mesmo contexto, porém com possíveis características diferentes a serem compreendidas. O estudo de casos múltiplos permitiu explorar profundamente a atividade coral, inserido-se no

próprio contexto e considerando as condições e as relações estabelecidas nesta prática (CRESWELL, 2010; YIN, 2005).

2.4 OS INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Com o objetivo de estabelecer um primeiro contato com os corais a serem pesquisados, decidiu-se pela realização de duas observações em cada coral. Estas aconteceram entre os meses de abril, maio e junho e seguiram um roteiro (apêndice C). Os dados observados foram anotados e gravados. Além das observações realizadas nos ensaios regulares, uma apresentação de um dos corais também foi observada. A apresentação foi considerada parte da observação porque permitiu assistir o coral fora do contexto do ensaio, além de propiciar o contato direto com amigos e familiares do coral e verificar a reação dos participantes na apresentação. O conjunto das observações permitiu conhecer um pouco do trabalho realizado pelos regentes e as reações dos participantes perante a atividade, possibilitando “um contato pessoal e estreito do investigador com o fenômeno pesquisado”, bem como “registrar e acumular informações” (MARCONI; LAKATOS 2010, p. 275). Também foi possível a partir das observações, ampliar os temas discutidos durante as entrevistas com os diretores, regentes e coralistas.

As entrevistas semi-estruturadas realizadas com os diretores e regentes (cujos roteiros encontram-se nos apêndices D e E, respectivamente) permitiram compreender as perspectivas destes sobre a prática coral na escola e seus objetivos com esta atividade (MARCONI; LAKATOS, 2010). A escolha por entrevistar os diretores das escolas onde estes corais estavam inseridos justificou-se pelo fato destes serem considerados responsáveis pela permanência e existência desta atividade neste contexto. Pelo fato de um dos corais representar as escolas da rede municipal, como será descrito no capítulo seguinte, a entrevista foi realizada com a coordenação dos programas suplementares oferecidos pela rede municipal.

As entrevistas foram agendadas com antecedência em horários pré-determinados, de acordo com a disponibilidade dos dez participantes a serem entrevistados (cinco regentes, quatro diretores e um coordenador), no período de maio a agosto. Com os regentes, as entrevistas tiveram a duração aproximada de uma hora, cada um e com os diretores e coordenação, vinte minutos cada. Estas entrevistas foram gravadas através de aparelho celular e transcritas posteriormente.

O instrumento de coleta de dados selecionado para compreender o pensamento dos coralistas sobre a prática coral foi o trabalho com grupos focais. Para Gomes e Barbosa (1999)

“um grupo focal (GF) é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade” (p. 01). Para estes autores, este instrumento tem por objetivo “revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão” (idem). Ampliando este pensamento, Gatti (2005) propõe:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (GATTI, 2005, p. 11).

A entrevista do tipo Grupo Focal mostrou-se favorável por propiciar uma conversa com e entre os coralistas participantes, os quais puderam expor suas ideias e entre eles ampliá-las a respeito dos temas propostos para a realização desta atividade (o roteiro das entrevistas encontra-se no apêndice F). A duração destas entrevistas variou entre vinte e trinta minutos.

A quantidade de participantes para a formação destes grupos se difere na literatura pesquisada. Para Gomes e Barbosa (1999) os grupos devem ser formados de sete a doze participantes e para Gatti (2005) de seis a dez participantes. Nesta pesquisa adotou-se a indicação de Gatti (2005). Quanto aos critérios para formação destes grupos a literatura sugere características semelhantes entre os participantes (GOMES; BARBOSA, 1999; GATTI, 2005). Porém, no caso da realização com mais de um grupo pode-se considerar tanto semelhanças quanto diferenças entre os participantes e/ou grupos, o que permitiu a formação de grupos heterogêneos, bem como a variação de um a três grupos de acordo com o número de coralistas dos coros participantes nesta pesquisa, seguindo o que indica Gatti (2005).

Para compreender o que os pais pensam sobre a prática coral optou-se pela aplicação de questionários (apêndice G). As vantagens no uso deste instrumento podem ser justificadas pelo “uso eficiente do tempo, anonimato para o respondente, possibilidade de uma alta taxa de retorno e perguntas padronizadas” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 96). Foram entregues no dia da entrevista com os grupos focais cento e vinte e seis questionários e destes, trinta e dois retornaram. Para obter esse retorno, foi preciso voltar às escolas e recolher os questionários daqueles coralistas que haviam se esquecido de trazer no dia combinado e entregar novos questionários para outros que havia extraviado. A análise dos mesmos mostrou indicativos do que pensam os pais a respeito da importância desta prática coral na vida de seus filhos e como os pais se relacionam com esta atividade.

A escolha por diferentes instrumentos na coleta de dados favoreceu um maior número de evidências para analisar os dados e compreender o fenômeno estudado com mais precisão (YIN, 2005; MARCONI; LAKATOS, 2010).

2.5 A ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Tendo em vista os diferentes instrumentos utilizados na coleta de dados, decidiu-se organizá-los de forma que se pudesse ter acesso diretamente a eles com rapidez e clareza. De acordo com Flick (2009) “a organização dos dados tem o objetivo principal de documentar o caso em sua especificidade e estrutura” (p. 274). Com base neste pensamento, as observações foram digitalizadas, as informações obtidas através dos questionários foram agrupadas e as entrevistas bem como as falas dos coralistas nos grupos focais foram transcritas. Dessa forma, todas as informações a respeito dos corais pesquisados constituíram a organização dos documentos necessários para a análise dos dados. Estes documentos foram divididos em cinco cadernos, paginados e agrupados de acordo com os instrumentos de coleta de dados, como mostra a Tabela 3, a seguir:

Tabela 3 – Organização dos dados coletados

Instrumentos de coleta de dados	Cadernos	Número de Páginas
Observações	Caderno 1	01 – 11
Tabulação das respostas dos questionários aplicados com familiares	Caderno 2	01 – 08
Transcrição das entrevistas semi-estruturadas com regentes	Caderno 3	01 – 39
Transcrição das entrevistas semi-estruturadas com diretores e coordenadores	Caderno 4	01 – 15
Transcrição das conversas nos grupos focais	Caderno 5	01 – 36

Esta organização favoreceu manusear os diferentes dados coletados bem como compreender e analisar as diferentes perspectivas dos participantes da pesquisa. Leituras minuciosas na tentativa de desvendar o que estas diferentes fontes poderiam evidenciar a respeito do tema pesquisado constituíram a base para o processo de triangulação (YIN, 2005; ALVES MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2001). De acordo com Yin (2005), triangulação pode ser conceituada como um “[...] fundamento lógico para utilizar fontes múltiplas de evidências” (p. 125). Essa variedade de fontes de dados permitiu obter, assim, uma variedade de “[...] avaliações do mesmo fenômeno” (YIN, 2005, p. 128).

A partir dos temas discutidos em cada um dos instrumentos utilizados na coleta de dados, frases e/ou palavras passaram a chamar a atenção pela repetição, semelhança e ênfase

dada pelos participantes. Então, conteúdos foram selecionados e agrupados em três categorias conforme apresentados na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4 – Categorias para análise de dados

Categorias	Conteúdos
1) O contexto pesquisado	Características gerais dos corais pesquisados e critérios para participação na atividade.
2) Coral como atividade extracurricular	Opção de atividade de prática coral oferecida pela escola; objetivos de ter a atividade; funções que exerce.
3) Práticas identificadas	Tipos de repertório; critérios para seleção do repertório, técnica vocal e metodologias de trabalho.

Para manter o anonimato destes participantes e seus respectivos corais nas citações que irão aparecer nos capítulos a seguir, optou-se em identificá-los através de números e de acordo com os instrumentos de coleta de dados utilizados. Segue a identificação na Tabela 5:

Tabela 5 – Identificação dos participantes na pesquisa

Observações	Entrevistas com Direção	Entrevistas com Regentes	Entrevistas com Grupos Focais	Questionários aplicados com Familiares
Coral 1	Diretor 1	Regente 1	Coralistas 1	Familiares 1
Coral 2	Diretor 2	Regente 2	Coralistas 2	Familiares 2
Coral 3	Diretor 3	Regente 3	Coralistas 3	Familiares 3
Coral 4	Diretor 4	Regente 4	Coralistas 4	Familiares 4
Coral 5	Diretor 5	Regente 5	Coralistas 5	Familiares 5

Tendo em vista o fato da coleta de dados ter ocorrido totalmente no ano de 2011, e considerando que estes dados estão acessíveis à pesquisadora e ao professor orientador, optou-se pela identificação das pessoas para efeito de citação, sem a indicação do ano e da página, como se faz correntemente para outros tipos de citação. Por exemplo, quando a citação fizer referência aos dados obtidos de um determinado coral, esta terá a seguinte configuração: (CORAL 1); quando tratar-se de um dos regentes: (REGENTE 1), e assim por diante. Cabe ressaltar que para se referir aos regentes e diretores nos textos será utilizado o artigo ‘o’, no gênero masculino, mesmo tendo entre estes participantes a presença de homens e mulheres, sendo esta mais uma medida para a manutenção do anonimato dos participantes.

3 O CONTEXTO PESQUISADO

Este capítulo está dividido em duas seções e tem por finalidade apresentar os corais pesquisados. Na primeira seção serão elencadas as características gerais e específicas: ano de fundação, objetivo geral, quantidade e horário de ensaios, número de participantes, idade, a quem é oferecida a atividade, infra-estrutura, a formação do regente e sua contratação para trabalhar com o grupo, bem como o tipo de repertório trabalhado. Na segunda seção serão discutidos que critérios envolvem a participação dos coralistas nesta atividade, ou seja, quem pode cantar no contexto de cada coral investigado.

3.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

3.1.1 Coral 1

O Coral 1 foi formado em 2008 com o objetivo de animar as festividades realizadas no colégio. Configura-se como uma das atividades extracurriculares oferecidas e podem participar alunos entre o 2º e o 5º ano. É cobrada uma taxa para participação na atividade que é administrada pela própria escola. O ensaio ocorre uma vez por semana ao final do período vespertino com duração de uma hora. Atualmente participam cerca de quarenta e três crianças com idade entre sete e doze anos.

O local do ensaio é o auditório da escola equipado com sistema de som, aparelho de CD, recursos multimídia, iluminação, palco e cadeiras confortáveis. Nas paredes estão expostos quadros que representam as atividades realizadas neste ambiente: música, dança, formaturas e reuniões, por exemplo. O instrumento musical utilizado pelo regente é uma flauta doce. O Coral 1 executa repertório diversificado. A cada ano o regente seleciona algumas músicas representando algum tema. Neste ano o tema é Brasil, enfatizando, portanto, canções brasileiras. Apresenta-se nas festividades promovidas pela escola e em alguns eventos externos.

O regente é formado em Pedagogia. Sua contratação foi através do próprio Diretor 1 que já havia trabalhado com este profissional em outro contexto escolar. Afastou-se das atividades nesta escola no ano de 2010 e retornou no ano de 2011. Atualmente, além de regente deste coral, é professor da disciplina de música oferecida na grade curricular desta escola.

Este coral não utiliza pasta com letras e/ou partituras das canções, pois memorizam todas as músicas do repertório. A metodologia adotada pelo Regente 1 favorece tal realização e

como resposta, os coralistas demonstram aceitar esta proposta desempenhando com interesse e vontade as atividades. Isto não quer dizer que não há conversas ou alguma brincadeira entre os coralistas. Entretanto, independente da reação dos participantes o regente costuma falar com estes de uma forma serena e tranqüila, com tom de voz suave.

3.1.2 Coral 2

O Coral 2 foi idealizado e formado em 1996 por uma diretora que não está mais no colégio, a qual tinha o sonho de ter esta atividade na escola. Atualmente é uma das atividades extracurriculares oferecidas a todos os alunos do ensino fundamental, incluindo ex-alunos da escola e comunidade. Cobra-se uma taxa para participação e esta é administrada pelo próprio coral. Ocorre um ensaio por semana com duração de uma hora ao final do turno vespertino. Há possibilidade de ocorrer dois ensaios por semana, dependendo do número de apresentações a serem realizadas. Participam quatorze cantores com idade entre dez e vinte e um anos.

O local do ensaio é o auditório da escola equipado com sistema de som, recursos multimídia, um piano, palco e cadeiras confortáveis. Nas paredes, algumas imagens religiosas. O coral dispõe de um músico acompanhador. No repertório do Coral 2 prevalecem canções de compositores catarinenses. Atualmente se apresenta em diversos eventos fora da escola e quando solicitado, também nesta instituição.

O regente é formado em Educação Física e está cursando Licenciatura em Música. A contratação ocorreu pelo fato deste participar de atividades no colégio tocando violão a convite de um ex-funcionário. A direção naquela época – 1996 – demonstrou interesse em formar um coral na escola e convidou este profissional para a atividade, o qual permanece até o presente momento. Além de regente, é também professor da disciplina de música oferecida na grade curricular da escola.

Este coral possui um estatuto e conta com o apoio de uma diretoria formada pelos próprios pais dos coralistas. Já participou de encontros de corais fora do Estado de Santa Catarina e realizou uma viagem ao exterior. Tem quatro CDs gravados. Está há dezesseis anos em atividade. Durante as observações pareceu predominar um clima de amizade entre todos os envolvidos na atividade: regente, tecladista e coralistas. Todos que chegam ao ensaio, independente do horário, cumprimentam-se entre si demonstrando amizade, alegria e satisfação pelo encontro que o coral propicia.

3.1.3 Coral 3

O Coral 3 foi formado em 2009 com o objetivo de representar a rede municipal de ensino de Florianópolis. A atividade é gratuita. Para participar deste coral o regente realiza um teste de seleção com os alunos entre o 6º e o 8º ano nas escolas da rede municipal, ouvindo aqueles que têm interesse em cantar no coral. Seu critério para a aprovação é a afinação. O coral ensaia uma vez por semana com duração de duas horas e trinta minutos. Participam do coral oitenta e cinco cantores divididos em dois grupos – um matutino e outro vespertino. A idade destes participantes varia entre doze e dezesseis anos de idade.

O local do ensaio é uma sala de aula de uma escola localizada no centro de Florianópolis. O regente leva seu próprio instrumento para o ensaio – violão e caixa de som – e na sala há um quadro negro, carteiras e cadeiras. O repertório é diversificado. Neste ano a ênfase está sendo trabalhar canções de diversos países. Participam principalmente de apresentações promovidas pela Secretaria Municipal de Educação.

O regente é formado em Licenciatura em Música. A contratação ocorreu pelo fato deste já ter desenvolvido um trabalho com corais nas escolas da rede municipal de ensino.

Durante os ensaios foi perceptível o estímulo dado pelo regente aos coralistas para que estes se sintam privilegiados por participarem deste coral. No período matutino, o clima durante o ensaio é tranquilo e sem dispersões. O regente aguarda a chegada dos coralistas na sala tocando e cantando canções que fazem parte do repertório. No período vespertino, o regente precisa chamar os coralistas avisando que será dado início ao ensaio e durante este, por haver muitas conversas paralelas, necessita a todo o tempo aumentar o volume da voz para que os participantes ouçam e acatem suas orientações.

3.1.4 Coral 4

Este coral iniciou suas atividades no ano de 2009 e tem por objetivo geral fazer parte do quadro de atividades extras oferecidas pela escola. A escola oferece este tipo de atividade desde 1990, porém com alternâncias de participantes e regentes, sendo que em alguns períodos o coral não foi oferecido. A atividade é gratuita e podem participar crianças da educação infantil e ensino fundamental. Os ensaios ocorrem uma vez por semana com duração de uma hora após o turno vespertino. Participam do coral aproximadamente doze crianças com idade entre cinco e nove anos.

O local do ensaio é uma sala de aula com quadro negro, carteiras e cadeiras. O regente leva seu próprio instrumento para o ensaio – violão e caixa de som – assim como seu computador. O repertório é composto de música brasileira. O coral se apresenta em eventos promovidos pela escola e alguns eventos externos.

O regente é formado no curso de Magistério oferecido no ensino médio. Sua contratação ocorreu através de uma indicação. Além de reger o coral, este profissional também é professor de flauta doce e violão nesta escola. Estas aulas são oferecidas como oficinas em horários extraclasse e é cobrada uma taxa para participação. Esta escola ainda não oferece música na grade curricular. Este é um coral que atende uma faixa etária que o caracteriza como coral infantil. A escola oferece um profissional para auxiliar na organização do ensaio e cuidados com as crianças. Todas as crianças fazem questão de ter em suas pastas as letras das canções, mesmo que algumas ainda se encontrem em fase de alfabetização e não dominem totalmente a leitura. Para terminar o ensaio costumam cantar uma música representativa da mensagem filosófica da escola. As próprias crianças lembram o regente para cantá-la.

3.1.5 Coral 5

O Coral 5 foi formado em 2006, incentivado pelo Diretor 5 pelo fato deste gostar e valorizar a presença da música na escola. O coral é uma das atividades extracurriculares oferecida por uma empresa terceirizada instalada na própria escola. Além do coral, esta empresa oferece atividades esportivas, aulas de violão e teclado. Os participantes pagam um valor mensal e este é administrado pela empresa. Podem participar da atividade crianças a partir do 2º ano do ensino fundamental. O coral tem aproximadamente vinte e seis crianças com idade entre oito e doze anos. Os ensaios acontecem uma vez por semana com duração de uma hora após o turno vespertino.

O local do ensaio é a sala de multimídia da escola, com equipamentos de multimídia, acesso à *internet*, quadro negro, carteiras e cadeiras. O coral dispõe de um músico acompanhador, o qual leva seu próprio instrumento para o ensaio – teclado – e este é também professor em sala de aula na disciplina de música oferecida na grade curricular pela escola. O repertório é composto principalmente por música brasileira, contemplando algumas canções internacionais. O coral se apresenta em diversos eventos fora do colégio e neste quando solicitados.

O regente é graduado em Pedagogia. Sua contratação ocorreu pelo fato de já ter desenvolvido nesta escola atividades com música. Em 1999 lecionou aulas de música, através

de um projeto denominado canto em sala de aula. Atualmente, além de reger o coral, é professor de violão e teclado pela empresa terceirizada, é professor de religião e coordenador da pastoral da juventude nesta escola.

Neste coral foi possível observar a ênfase na utilização de recursos multimídia. As apresentações costumam ser filmadas pelos próprios pais e enviadas ao regente, que nos ensaios após receber este material, reproduz as filmagens para os coralistas e juntos avaliam o desempenho nas apresentações. Para o aprendizado de algumas músicas, o regente em parceria com o tecladista se utiliza também dos recursos multimídia como estratégia de ensino. O acesso a páginas como *Youtube* e *Cifraclub*, entusiasma os coralistas que demonstram concentração e motivação no aprendizado e no uso deste recurso.

3.2 QUEM PODE CANTAR NO CORAL

A prática coral nas cinco escolas pesquisadas configura-se como uma atividade extracurricular. Este tipo de atividade é opcional, no entanto envolve determinados critérios a serem cumpridos para a efetiva participação. Os coralistas, primeiramente, precisam estar interessados e à vontade para fazer parte da atividade coral. Eles também precisam estar em determinados níveis de ensino, demonstrar aptidão em alguns casos, dispor de autorização dos pais a participar da atividade e poder deslocar-se até o local do ensaio. Os critérios para participação nos corais pesquisados, portanto, diferem entre si.

Gostar de cantar, de participar de um coral e assim fazer o que gosta são algumas razões apontadas pelos participantes que demonstram o interesse destes em participar da atividade.

Eu sempre gostei de cantar (CORALISTAS 1).

Aqui você não está obrigado, você está porque você quer (CORALISTAS 2).

É legal saber que tu estás aqui fazendo uma coisa que tu gostas (CORALISTAS 3).

Porque eu gosto do coral (CORALISTAS 4).

Eu entrei no coral faz muito tempo, nem lembro direito...eu estou no coral porque eu gosto muito de cantar (CORALISTAS 5).

Estar no coral é de interesse destes participantes, pois favorece o acesso a diferentes experiências, principalmente cantar. Cantar é algo que as crianças e jovens gostam muito. Este gostar reforça a idéia de que o canto coral pode ser utilizado como instrumento para a musicalização, o que vem ao encontro de propostas de educação musical como aquelas

apresentadas na revisão de literatura. Entretanto, os dados também apontaram elementos que podem ser entendidos como impedimentos para despertar o interesse em outros alunos para participar desta atividade.

No Coral 2 os coralistas apontaram a existência de preconceitos como obstáculos para a participação na prática coral. Um deles é relacionado à presença de meninos no coral quando encontram-se no período de mudança de voz. Outro preconceito é a associação feita do coral com práticas religiosas. Além disso, há também o preconceito quanto ao uso de “batas” como uniforme nas apresentações (CORALISTAS 2). No Coral 3 este tema também foi abordado relacionando a participação no coral com a opção sexual. Segundo um coralista, “teve um menino que passou e não veio porque começaram a dizer que cantar no coral era coisa de ‘bicha’ ” (CORALISTA 3). Outro coralista apontou que o próprio pai não o apoiava, mas já se acostumou com sua participação: “[...] você vai ficar lá cantando igual uma menininha [...], você vai ficar perdendo tempo nesse coral, isso não vai te dar futuro, meu filho. De uns tempos para cá ele vem dizendo: nossa! Está melhorando a tua técnica vocal, está bem melhor [...]” (CORALISTA 3). A fala trazida por este coralista demonstra a possibilidade de mudança em relação a tais limitações sobre o entendimento da prática de cantar em coral. Na medida em que o trabalho do coral vai se fazendo conhecer, permite a ampliação do interesse e a superação dos preconceitos. Favorecer o acesso a este tipo de atividade irá satisfazer o interesse daqueles que já demonstram querer participar, além de poder atrair aqueles que por não conhecerem exatamente o que se faz em um coral em termos de trabalho vocal e trabalho educativo musical, sentem-se desmotivados.

A faixa etária, ou o nível de ensino onde os alunos se encontram, configura-se também como um critério para participação. No Coral 1 a atividade é oferecida aos alunos do 2º ao 5º ano do ensino fundamental. No Coral 2 pode participar qualquer estudante do ensino fundamental bem como ex-alunos e interessados da comunidade. Do Coral 3 podem participar estudantes que estejam freqüentando entre o 6º e o 8º ano do ensino fundamental. No Coral 4 podem participar da atividade os interessados da educação infantil e de todos os anos do ensino fundamental e no Coral 5 podem participar estudantes a partir do 2º ano do ensino fundamental.

Observa-se que a faixa etária difere, não só entre corais, mas também num mesmo coral. Nos Corais 2 e 4, por exemplo, participam estudantes com faixas etárias bem distintas. No Coral 2 há crianças com idade a partir de dez anos até adultos com vinte e um anos. No Coral 4 participam desde crianças de cinco anos até nove anos de idade. Esta variedade pode ser tanto um fator de flexibilidade de participação na atividade quanto um limitador para que

outros ingressem na atividade. No Coral 5 o regente aponta este fator da mistura de idades como um desafio para o seu trabalho. Por conta da amplitude da faixa etária, há predominância de participantes dos anos iniciais, e isto pode estar impedindo que os estudantes a partir do sexto ano também se interessem em participar do Coral 5. Segundo o Regente 5, o coral já foi dividido em dois grupos e nesta ocasião participaram estudantes até do sétimo ano, “[...] mas aos poucos isso foi se perdendo. [...] pode ser que já tenha ficado a marca de um coro infantil” (REGENTE 5). Este fator interfere, obviamente, no tipo de repertório a ser utilizado nos corais. Estes aspectos relacionados à idade dos participantes demonstram que a atividade nem sempre atinge todos os níveis de ensino. Quando isto ocorre, como identificado nos Corais 4 e 5, não há uma procura significativa que demonstre a participação de todos os anos, predominando a participação de crianças menores, na faixa até dez anos de idade.

Outro critério de ingresso nos corais investigados está relacionado à aptidão para cantar. No Coral 3, por exemplo, é realizado um teste de seleção para o ingresso dos coralistas. O Regente 3 passa em todas as escolas, explica como funciona o trabalho e ouve todos os alunos que têm interesse em cantar no coral. Seu critério para a aprovação é identificar entre os interessados aqueles que demonstram ter mais habilidade para cantar. Para este regente “[...] o canto é uma especificidade e nem todos têm [essa] habilidade” (REGENTE 3). Tal habilidade parece estar associada a ter ou não talento para participar da atividade, o que vem ao encontro da idéia de Bündchen (2005), apresentada na revisão de literatura, ao questionar o uso de testes para o ingresso neste tipo de atividade com o intuito de identificar os talentosos.

Entre alguns coralistas também foi mencionada a relação entre o talento e a música. Entre os Coralistas 3 o fato de identificar os talentosos serviu como descoberta: “[...] muitas pessoas têm talento, e ninguém sabe, na minha escola ninguém sabia [...] acho que foi a escola que teve mais talentos, assim, vocais (CORALISTAS 3). E entre os Coralistas 5, o talento é associado à experiência de cantar no coral, a qual serve para aperfeiçoar o dom do canto (CORALISTAS 5), bem como à possibilidade de ser solista na execução do repertório: “[...] eu comecei a aprender [a fazer solo] e eu acho que isso também vai descobrindo o teu talento (CORALISTAS 5).

Conforme é entendido pelo Regente 3, o teste de seleção parece não ser uma prática democrática, mas é uma ação necessária devido à limitação de número de participantes possíveis para a atividade. Este regente ensaia sem a presença de auxiliares e ele chega a ter mais de cinquenta adolescentes numa sala de aula. De qualquer forma, aqueles que são reprovados no teste têm o acesso à música, pois na rede municipal de Florianópolis são oferecidas aulas de música curricularmente. O Regente 3 acredita que é possível ensinar a

cantar, e “que todos podem ser ensinados, não tenho dúvidas disso, mas eu não tenho condições de fazer esse trabalho, já não tenho estrutura” (REGENTE 3).

No Coral 2, apesar de atualmente não haver mais teste de seleção, os coralistas revelaram certa naturalidade em relação a este processo numa determinada época do coral. Havia muita procura para o ingresso na atividade e era estipulado um número máximo de participantes. Segundo o Regente 2, o teste passou a ser realizado como forma de selecionar aqueles que além do interesse em participar já tinham certa habilidade em cantar. Um dos coralistas teve dificuldade para entrar no coral porque sempre que ia procurar pela atividade não havia mais vaga. Segundo este coralista a realização do teste favoreceu sua participação: “na minha época não tinha seleção, mas sempre que eu vinha já não tinha mais vaga. Mas depois ele [Regente 2] começou a fazer teste. Aí eu me inscrevi, passei e entrei” (CORALISTA 2). Assim como no Coral 3, o teste de seleção, sob esse ponto de vista, torna-se um recurso necessário para administrar a demanda e a atender um número viável de participantes na atividade.

A questão do talento é recorrente em falas de praticamente todos os tipos de participantes: Diretores, Regentes, Familiares, Coralistas. Algumas pessoas associam a habilidade de cantar no coral com certa pré-disposição para este aprendizado, que pode estar relacionado a um fator biológico (nascer com ‘dom’) ou aquisição desta habilidade em decorrência de experiências musicais anteriores (influência da família, música no currículo). Entretanto, também existe a perspectiva de que é possível desenvolver tais habilidades durante a atividade coral.

Conforme discutido na revisão da literatura, todo indivíduo tem possibilidades para se desenvolver musicalmente, desde que lhe sejam dadas as condições favoráveis, e a escola, diante de sua função de transmitir e construir saberes deve propiciar este acesso (FIGUEIREDO; SCHMIDT, 2006; LOUREIRO, 2003). E assim, considera-se que todas as pessoas tenham algum tipo de talento ou habilidade, mas que necessitam de estímulos e oportunidades para desenvolvê-los. Esta idéia está de acordo com a função educacional, identificada entre as funções dos corais pesquisados. Dessa forma, pode-se responder a pergunta: Quem pode cantar? Se a habilidade de cantar é considerada como parte do processo de desenvolvimento do ser humano, e assim como outras habilidades, é preciso que seja estimulada, desenvolvida, naturalmente pode-se dizer que todos podem cantar, salvo aqueles que por questões físicas tenham algum impedimento. Em concordância com o pensamento de Bellochio (2011), “uma conclusão lógica e rápida a que se pode chegar é que se o sistema fonador e o ouvido não possuem lesões, pode-se ouvir e emitir o que é ouvido” (p. 63).

Outros critérios identificados entre os corais pesquisados se referem à questão financeira e ao deslocamento. Nos Corais 1, 2 e 5 existe a cobrança de uma mensalidade. Nestes corais pode haver impedimento da participação de interessados que não tenham condições de assumir financeiramente esta atividade. O Coral 4 mesmo estando inserido numa escola particular, oferece a atividade gratuitamente, o que demonstra que isto é possível. Mas isto não garante a presença de mais participantes. No Coral 3, apesar de também ser gratuito, a participação dos coralistas selecionados limita-se à possibilidade de deslocarem-se dos seus bairros em direção ao centro da cidade, onde ocorre o ensaio. Alguns pais não permitem este deslocamento mesmo sendo oferecida por parte da Secretaria de Educação a passagem gratuitamente, como relataram alguns coralistas:

Eu tenho uma amiga que fez, foi aprovada e o pai dela não a deixou vir (CORALISTAS 3).

Uma amiga minha queria muito, mas não tem como ela vir, porque não tem quem levar; a minha mãe já leva bastante gente (CORALISTAS 3).

Os critérios apresentados em relação à questão de quem pode cantar no coral – interesse, níveis de ensino, aptidão, condições financeiras e deslocamento – podem limitar a participação na atividade nas escolas pesquisadas. Estes critérios são interligados, ou seja, a eliminação de um deles isoladamente não garante o aumento no número de participantes. No Coral 4, por exemplo, não há mensalidade, mas a participação é pequena. No Coral 1, o número de participantes já ultrapassou a quantidade oferecida mesmo com a cobrança de mensalidade. Em cada contexto, poderiam ser pensadas outras formas de se ampliar o oferecimento e possibilitar a participação de mais coralistas. Por exemplo, a divisão dos grupos por faixas etárias semelhantes poderia ser um aspecto positivo para atrair crianças e adolescentes para a prática coral. Como foi discutido anteriormente, parece que o fato de participarem mais crianças pequenas no Coral 4, inibe ou desestimula a participação de crianças maiores, que se sentiriam motivadas, talvez, se houvesse um coral para esta faixa etária. Esta não é necessariamente uma solução, mas em cada contexto é possível dinamizar ainda mais as experiências que já existem. No Coral 3, por exemplo, se o Regente 3 tivesse auxiliares atuando junto ao grupo, seria possível ampliar o número de participantes. Assim, cada grupo pode ampliar suas ações, analisando os resultados, vislumbrando possibilidades de crescimento e aprimoramento dos trabalhos realizados com os respectivos corais.

4 AS FUNÇÕES DA PRÁTICA CORAL ESCOLAR EM FLORIANÓPOLIS

Este capítulo tem por objetivo descrever e analisar os dados na tentativa de responder as seguintes questões: Quais as funções da prática coral no ensino fundamental em escolas da cidade de Florianópolis? O que pensam os diretores, coordenadores, regentes, pais e coralistas sobre a prática coral na escola? Quais são os objetivos da escola, do regente, dos estudantes e das famílias com relação ao coral? Esta discussão será apresentada em duas seções: 1) O coral como atividade extracurricular e 2) Algumas práticas identificadas.

4.1 O CORAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR

A atividade de canto coral identificada nas escolas pesquisadas configura-se como atividade extracurricular. É uma atividade opcional oferecida às crianças e adolescentes, representando, como apontaram Souza e colaboradas (2002), uma das formas de identificar a presença da música na escola. Nesta configuração entende-se que, por ser opcional, nem todos os alunos compartilham da atividade.

Esta seção será subdividida em duas partes. Primeiramente serão apresentados os objetivos dos diretores que justificam a existência desta atividade como extracurricular. Em seguida, serão discutidas as funções da prática coral apontadas pelos diretores, regentes e familiares das escolas pesquisadas.

4.1.1 Os objetivos da prática coral como atividade extracurricular

A decisão de oferecer a prática coral como extracurricular foi apontada pelos diretores por diversas razões. Entre essas, há uma predominância no uso desta atividade musical para alcançar outros objetivos que não estão diretamente relacionados à música como área de conhecimento ou como atividade educacional propriamente dita. É o que demonstram algumas das falas destes participantes:

Ele [o coral] é pensado como atividade extracurricular mesmo, oferecendo mais uma opção de atividade extra para famílias e para crianças (DIRETOR 1).

[...] essas crianças se apresentem fora do espaço escolar [...]. A visão que a gente tem, da Secretaria, é que seja uma referência nacional (DIRETOR 3).

Na verdade é mais uma opção para as crianças e também para a divulgação do colégio, porque quando eles participam de algum evento, alguma festividade fora... para eles é bom [...] (DIRETOR 4).

Estas falas demonstram o entendimento da palavra ‘uso’ conforme compreendido por Merriam (1964). A música está presente na escola através de uma atividade extracurricular para cumprir diferentes funções, que podem não representar uma função mais profunda, neste caso, uma função musical específica. De acordo com as funções identificadas na literatura, os Diretores 1 e 4, ao se referirem ao coral como mais uma opção de atividade, parecem compartilhar da intenção de oferecer atividades que favorecem o prazer, diversão e lazer aos estudantes (MERRIAM, 1964; SOUZA *et al*, 2002).

A função de validação das instituições sociais (MERRIAM, 1964) é percebida pelo Diretor 3 como a principal função deste coral, na medida em que demonstra o interesse de este ser reconhecido nacionalmente divulgando, assim, o trabalho realizado pela rede. Esta mesma função é também identificada pelo Diretor 4 que vê nesta atividade uma possibilidade de divulgação da escola. Pelo fato do coral, para os Diretores 1 e 4, ser entendido como mais um atrativo, pode contribuir com a diversidade de ocupações que a criança pode ter após o período de aula, favorecendo assim, também, “a divulgação” da própria escola, relacionando o coral com a função de validação destas instituições (MERRIAM, 1964). Esta função também pode ser associada ao objetivo do Diretor 2, pois considera que o coral é uma atividade que já virou tradição na escola. Assim, também parece exercer a função de validação.

O Diretor 2 não soube definir como a atividade iniciou, pois está na direção da escola há quatro anos e o coral já existe há aproximadamente dezenove anos naquela instituição. O motivo que justifica manter a atividade, é que “o coral é uma das atividades que os alunos gostam, os pais gostam, [o Regente 2] é nosso professor de música. É uma coisa boa que a escola está oferecendo neste espaço físico [...]” (DIRETOR 2). Esta atividade, para este Diretor, parece trazer resultados positivos àqueles que dela fazem parte. De acordo com este diretor, por meio desta atividade coralistas, familiares e regente se identificam em compartilhar, aparentemente, dos mesmos objetivos participando da atividade coral, exercendo assim, a função de contribuição para a integração da sociedade (MERRIAM, 1964).

O Diretor 5 justificou a existência do Coral 5, assim como as aulas de música na escola, sob a influência de suas experiências musicais na infância:

O Coral é uma atividade extracurricular, mas o nosso colégio despertou o entusiasmo pela música porque eu sou uma pessoa musical, venho de uma família musical e em 1999 nós contratamos o [Regente 5] para trabalhar canto em sala de aula, com as

séries iniciais, na época era 1ª a 4ª série. Depois estendemos também para a educação infantil e a partir daí surgiram muitos talentos. Inclusive os alunos se revelando em ocasiões, por exemplo, gincanas, festival de canções. Chegamos a fazer festival de talentos e surgiu daí a idéia de ter um coro (DIRETOR 5).

Pelo fato do Diretor 5 proceder de uma família musical, ter tido acesso a música em seu lar, este desenvolveu uma valorização da experiência com a música, e assim, é seu objetivo que os alunos desta escola também tenham direito a este acesso. A música se faz presente como disciplina curricular e como atividade extracurricular. Isto vem ao encontro daquilo que é discutido na literatura pesquisada, reforçando o papel da escola em favorecer o direito a todos os estudantes de aprenderem música na escola (FIGUEIREDO; SCHMIDT, 2008). Em relação à música como atividade extracurricular, esta é oferecida através de uma empresa terceirizada, pelo fato de o Diretor 5 considerar que a referida escola não pode assumir esta responsabilidade. O funcionamento do coral requer diversas atribuições, como a contratação de um profissional, controle de pagamento, organização das saídas para apresentações, dentre outras atividades, que são assim, administradas por esta empresa. O Coral 5 representa, portanto, a escola e esta empresa. A empresa oferece diversas modalidades esportivas também como atividade extracurricular. Dessa forma o Coral 5 se enquadra entre essas atividades configurando mais uma opção para os alunos da escola. Diante desta configuração pode-se afirmar que a presença deste coral nesta escola também exerce a função de validação desta instituição (MERRIAM, 1964).

Na fala do Diretor 5 há uma aproximação da idéia de ter o coral nesta escola como uma possibilidade de identificar e valorizar os talentosos. No Coral 4 esta idéia também parece permear a existência da atividade: “[...] acho que a criança gosta disso, para o colégio é bom e eles acabam desenvolvendo vários dons” (DIRETOR 4). Dessa forma, pode-se correr o risco de a música nestas atividades extracurriculares representar o “lugar dos escolhidos e ‘talentosos’, seja por conta de um meio social propício, seja por um discurso sobre o ‘inato’; ou lugar de realização de projetos especiais, com apoios e verbas especiais” (SANTOS, 2011, p. 193-194). A discussão sobre a questão de quem pode ou não participar do coral será apresentada posteriormente, porém, nesta seção questões sobre talento poderão também permear as discussões, tendo em vista que este tema surgiu entre as funções apontadas pelos participantes desta pesquisa. A prática coral existente nas escolas pesquisadas como atividade extracurricular parece associar esta prática como um espaço seletivo, para os denominados talentosos.

De acordo com Figueiredo (2011), não há como negar o valor da existência de projetos extracurriculares nas escolas, pois este tipo de atividade “amplia a experiência escolar, e tais projetos deveriam ser estimulados e desenvolvidos em vários contextos escolares” (p. 15). Estes projetos deveriam ser pensados a partir de objetivos característicos da atividade musical propriamente dita. Se o projeto contempla atividades com música, o principal objetivo deveria estar relacionado com o acesso a diferentes experiências musicais a todos os alunos. Tal objetivo estaria relacionado à função educacional, que permeia as atividades musicais presentes na escola, conforme identificada na literatura pesquisada (SOUZA *et al* 2002; FIGUEIREDO, 1990).

De acordo com a LDB 9394/96 a escola tem autonomia para organizar o sistema de ensino, o que envolve pensar na sistematização e funcionamento da escola como um todo. Dessa forma, cada escola pode estruturar seu Projeto Político-Pedagógico e contemplar, além do que é obrigatório para todas as escolas – o currículo comum –, atividades complementares. Os corais pesquisados se mantêm nestas escolas a partir do pensamento de seus diretores e regentes e a existência destes ocorre por diferentes motivos, tendo em vista que, concordando com Sobreira (2008) “os espaços são distintos e uma escola nunca será igual a outra” (p. 50). Naturalmente não há como pensar que o ensino nas escolas seja semelhante, pois, como afirma Bueno (2001), “cada unidade escolar vai se configurando, na sua própria trajetória, como uma instituição social ímpar, única” (BUENO, 2001, p. 04).

O oferecimento de atividades complementares é também uma das funções da escola, na medida em que amplia as possibilidades e vivências em diversas modalidades. Práticas como bandas, orquestras, corais são modalidades que envolvem diferentes experiências na área musical. Tais práticas poderiam ampliar e diversificar as experiências vividas em sala de aula a partir da disciplina de música, ainda mais se a música como atividade curricular e extracurricular estiver contemplada no Projeto Político-Pedagógico.

Nesta pesquisa, a música está presente na grade curricular em quatro das cinco escolas pesquisadas, em alguns níveis da educação básica, o que, em parte, vem ao encontro do que é estabelecido pela Lei 11.769/08 (BRASIL, 2008). Dessa forma o acesso ao conhecimento musical está assegurado a quase todos os alunos. Como atividade extracurricular, a atividade de prática coral não contempla todos os alunos nos contextos pesquisados (ensino fundamental), pois existem alguns critérios para participação nesta atividade. Diante dos objetivos expostos a partir das perspectivas dos diretores, faz-se necessário ampliar esta discussão apresentando as informações obtidas especificamente sobre as funções do coral.

4.1.2 As funções da prática coral sob a perspectiva dos diretores, regentes e familiares

As funções da prática coral na escola foram discutidas a partir das perspectivas dos diretores e regentes, considerando dois aspectos: as funções que os corais deveriam exercer e as funções que estes corais exercem nestes contextos. E sobre as perspectivas dos familiares, buscou-se conhecer as funções que estes participantes consideram que o coral deve exercer.

O Regente 1 apontou diferentes funções que um coral deveria exercer: “a socialização, a integração, o prazer de fazer música, a técnica associada à saúde vocal” (REGENTE 1). Destacou a função de integração enfatizando que a música “tem uma função de integração social muito grande” e que as crianças “aprendem com a convivência a serem mais tolerantes, a serem mais pacientes, a escutar [...]” (REGENTE 1). Em relação às funções que o Coral 1 exerce afirmou que é “tudo isso e de uma forma muito especial de fazer a música vibrar, pulsar de forma viva, de forma alegre, divertida dentro da escola [...]”. Enfatizou a importância do canto como uma forma das crianças se expressarem, pois “purifica a alma”. Por isso “[...] o enfoque maior é o prazer de produzir boa música, prazer de cantar, prazer de fazer música em grupo, [...] a formação como um todo, de valores” (REGENTE 1).

Para o Regente 1, algumas funções interagem e parecem se sobressair umas em relação a outras. A função socializadora, conforme destacou este regente, proporciona aos coralistas certo aprendizado em relação ao comportamento desejado, aproximando assim a função de contribuição para a integração da sociedade com a função de impor conformidade às normas sociais. A função educacional também aparece entre essas funções na medida em que os alunos, segundo este regente, aprendem determinados comportamentos, aprendem a ouvir, bem como aprendem elementos da técnica vocal ligados a saúde vocal. O coral também exerce uma função de expressão emocional ao favorecer que as crianças se expressem através do canto, e de divertimento, por tornar esta prática alegre e divertida.

Para o Diretor 1, as funções que um coral deveria exercer estão relacionadas ao seu objetivo de ter o coral na escola, como um atrativo, confirmando assim a função de validação desta instituição. Outra função apontada por este diretor é a de proporcionar o acesso à música para aqueles que têm interesse.

Além de propiciar a possibilidade aos alunos que gostam de música, gostam do coro, gostam de cantar, [...] não têm condições de procurar uma aula de música, acho que é dever da escola, assim como para aqueles que gostam de esporte, das artes plásticas, e quem gosta de música, é uma obrigação de a escola oferecer. Outra, nós precisamos de um coral dentro da escola, isso faz parte da vida da escola também (DIRETOR 1).

Para o Diretor 1, oferecer este tipo de atividade é uma obrigação da escola, além de considerar essencial sua presença neste contexto. Nesta escola sua função é “incentivar a música, o gosto pelo coral. Incentivar aqueles alunos que têm o dom para que eles possam seguir com este dom. E o objetivo também é que nós tenhamos formado um grupo que vai se apresentar, que vai enriquecer as nossas atividades” (DIRETOR 1). Percebe-se nesta fala a associação do objetivo apresentado anteriormente deste diretor em ter esta prática na escola. Além de abrilhantar as apresentações, para este diretor é função do coral favorecer a participação daqueles que já têm interesse, incentivando assim, a continuidade àqueles que têm ‘dom’. De acordo com a literatura, ainda se faz presente no senso comum a crença de que para aprender música se faz necessário o talento (FONTERRADA, 2005), e como disse Shenk (2011), “o melhor que podemos fazer é localizar e lapidar essas jóias” (p. 14). Todavia, os participantes do Coral 1 parecem buscar esta atividade para justamente aprender cantar e não são exigidas habilidades musicais prévias. De acordo com a prática observada nos ensaios do Coral 1, o Regente 1 se interessa em ensinar a todos, elementos necessárias ao canto, favorecendo assim, o desenvolvimento musical de seus participantes e exercendo conseqüentemente uma função educacional.

Entre os Familiares 1 o coral deve proporcionar a socialização, o divertimento, o “desenvolver habilidades de canto”, o estímulo à concentração e, o “abrilhantar ainda mais o colégio” (FAMILIARES 1). Estas funções se assemelham com as identificadas entre o Diretor 1 e Regente 1: função de contribuição para a integração da sociedade, função de entretenimento, função de impor conformidade às normas sociais, função de validação das instituições sociais e função educacional. Tais participantes acrescentaram que o coral deve realizar um trabalho corporal assim como desenvolver o “hábito por boas músicas” (FAMILIARES 1). Estas idéias, de certa forma parecem se aproximar das funções de resposta física e de prazer estético.

O Regente 2, ao se referir às funções do coral, comentou sobre a possibilidade do coral ser “um ponto de cultura dentro do colégio” (REGENTE 2). A partir da escolha do repertório, valoriza a cultura local priorizando compositores catarinenses, além de estimular a composição entre os coralistas. A partir destes elementos, pode-se associar além da função já identificada de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura, também a função de prazer estético, pois favorece ao coralista a possibilidade se relacionar com a atividade musical também como compositor, ou “criador”, conforme discutido por Merriam (1964). A ênfase na cultura local, a partir do repertório, se aproxima com as concepções de educadores musicais,

tais como Villa-Lobos, Kodály, Willems e Orff, que sugerem a utilização de canções folclóricas e populares por favorecerem a aprendizagem musical e ampliarem culturalmente o repertório destes participantes.

Para o Regente 2 dentre as funções que este coral atualmente exerce é possível destacar sua importância dentro da escola: “é como se fosse uma organização, uma parte do colégio, [...] mesmo assim continua sendo esse lance de levar a cultura local, sem dúvida, mas dentro do colégio a função é de cantar nas formaturas [...]” (REGENTE 2). A partir do Regente 2 pode-se associar as funções de validação das instituições sociais e de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura. O Diretor 2 não discorreu muito nem entrou em detalhes sobre a função que um coral deveria exercer e qual a função que este coral exerce na escola. Em ambas as questões o Diretor 2 se referiu à presença do coral na escola de forma vinculada com as apresentações.

É difícil para mim, porque eu não sei, assim. Pelo que a gente vê e olha alguns eventos que a gente vai, é pra animar, para abrilhantar e tal. Eu não sei, assim, qual outra função a não ser animar, só sei que é muito bom quando a gente vai assistir [...]. A função aqui é essa referência para abrilhantar algum evento (DIRETOR 2).

Na medida em que o coral assume uma função de abrilhantar um evento – ser um atrativo –, na perspectiva do Diretor 2, também pode-se associar a esta atividade a função de entretenimento. Para este diretor o coral representa alegria e divertimento e, ao se referir a estas funções, sugere que tanto quem organiza o evento quanto quem participa deste se diverte. Também pode demonstrar que, neste contexto, o coral auxilia na publicidade da escola, assumindo a função de validação das instituições sociais, descrita e desenvolvida por Merriam (1964).

As funções apontadas pelos Familiares 2 se referem a outros aspectos. Estes participantes consideram que é função do coral “o desenvolvimento vocal”, ensinar as notas musicais, desenvolver a socialização, a disciplina, a organização, assim como propõem que o coral deve melhorar a postura e proporcionar “movimentação cantando” (FAMILIARES 2). Estas funções podem ser associadas à função educacional, à função de contribuição para a integração da sociedade, à função de resposta física e à função de impor conformidade às normas sociais. Os Familiares 2 também fizeram referência sobre o “prazer de cantar”. Esta função pode se aproximar da função de prazer estético e se assemelha com a função identificada pelo Regente 2, na medida em que entre os coralistas foi percebido este prazer em relação ao repertório que inclui canções dos próprios participantes.

O Regente 3 listou quatro funções que um coral deveria exercer numa escola: congregar os alunos interessados em canto, ensinar e aprimorar tecnicamente os alunos, propiciar a esses alunos, através do repertório do coral, que eles adquiram uma cultura, e integrar as pessoas por meio das apresentações (REGENTE 3). Nesse pensamento, uma leitura possível seria conferir ao coral uma função elitista como se somente neste espaço os participantes teriam acesso à cultura, desconsiderando que estes participantes por meio de suas relações na própria sociedade, estão em contato com a cultura vivida em seus ambientes como, por exemplo, a escola e a família. Pode-se associar a função de continuidade e estabilidade da cultura como propõe Merriam (1964), considerando que através desta prática oportuniza-se o acesso a outras culturas, se este objetivo estiver contemplado na atividade, assim como a função de contribuição para a integração da sociedade. Está presente também a função educacional pelo interesse em ensinar e aprimorar tecnicamente seus coralistas.

Para o Diretor 3, as funções que um coral deveria exercer, estão relacionadas à função de integração da sociedade, à função de expressão emocional e à função de resposta física. Como diz este diretor “[...] acho que é até uma questão de unir as pessoas, de estar interagindo, das pessoas até se conhecerem um pouco melhor. Um momento de se soltar, porque o momento em que tu cantas, tu tens uma expressão além da expressão vocal, a expressão corporal” (DIRETOR 3). Quanto às funções que o Coral 3 exerce, para o Diretor 3 é função do coral

[...] trabalhar a questão da integralidade do ser, trabalhar o ser como um todo, [...] dar outras oportunidades, até porque são pessoas de baixa renda que não teriam essa oportunidade fora dali. É a inclusão social, é cidadania para essas pessoas e dar oportunidades. Às vezes tu descobres vozes maravilhosas e pessoas maravilhosas neste sentido, nesse meio, e que acho que depois podem se sobressair e criam uma auto-estima. Eu acho que trabalha muito a auto-estima também deles (DIRETOR 3).

Considerando que, para participar do Coral 3, é preciso passar por um teste de seleção, este instrumento pode favorecer a identificação dos considerados talentosos para a inserção no coral. De certa forma, é oferecida a estes a oportunidade de desenvolver musicalmente aspectos relacionados ao canto coral para aprimorar esta habilidade, exercendo assim, a função educacional. Paralelamente, pelo fato de integrar indivíduos com objetivos comuns, o coral estaria exercendo a função de contribuição para a integração da sociedade. Entretanto, parece haver certa divergência entre as falas do Diretor 3 com a prática observada do referido coral. Conceitos como oportunidade e inclusão mencionados por ele foram percebidos de outra forma. Foi possível identificar estímulos à competição na medida em que

os coralistas são motivados a se sentirem os melhores, os escolhidos. A oportunidade, considerada como inclusão, pode estar favorecendo somente aos que passam no teste, desconsiderando que outros alunos também poderiam ter o interesse em desenvolver a habilidade de cantar em coral. Isto difere da concepção de que o canto coral poderia ampliar o aprendizado musical de qualquer estudante, conforme apresentada na revisão de literatura, representando efetivamente uma experiência de inclusão. É compreensível que não haja espaço suficiente para todos os estudantes em um único coral, como é a opção desta experiência na rede municipal de Florianópolis. No entanto, muitas crianças que poderiam estar vivenciando também a experiência de cantar em coral não estão incluídas na atividade. No passado, como foi apresentado na revisão de literatura, diversos corais estavam distribuídos pela cidade, oportunizando a experiência de cantar em grupo para muitos estudantes. Neste sentido, seria oportuna a análise dos tipos de experiência já oferecidos naquela rede de ensino, para se estabelecer procedimentos que ampliem a participação e a efetiva inclusão de mais alunos na prática coral. Mas cabe ainda destacar que a rede municipal de Florianópolis oferece aulas de música na grade curricular, ou seja, todos os estudantes são colocados em contato com algum tipo de experiência musical na escola. O coral aqui representa uma ampliação desta experiência musical que é oferecida, e seleciona os participantes. Dessa forma, a música nesta rede de ensino é contemplada tanto no currículo como fora dele.

Entre os Familiares 3, os aspectos ligados à socialização, ao comportamento, à formação de valores e à música como forma de expressão (FAMILIARES 3) foram os mais enfatizadas, sendo possível aproximá-los das funções de contribuição para a integração da sociedade, de impor conformidade às normas sociais e de expressão emocional. Outros aspectos também foram citados: “educação vocal”, “lazer”, “desenvolvimento de expressão” e a realização de apresentações (FAMILIARES 3). Entre estes aspectos somente a função de entretenimento não havia sido citada pelo Diretor 3 e Regente 3. Um exemplo de aproximação entre estes participantes parece demonstrar outra função que o coral pode exercer neste contexto: a função de gerar oportunidades. O Diretor 3 aponta como uma das funções do coral “dar outras oportunidades” (DIRETOR 3), o que vem ao encontro da idéia: “[...] o coral oferece a ela [filha] o que eu não posso oferecer” (FAMILIARES 3). Esta fala pode demonstrar que o coral assume também uma função de criar oportunidades, sejam elas de divertimento, acesso aos conhecimentos musicais e escolha de profissão agregando assim nesta função – criar oportunidades – outras que a complementam, como categorizado por Merriam (1964) na função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura, que associa outras funções para a efetivação desta.

O Regente 4 associou a função que um coral deveria exercer na escola com seu critério para a escolha do repertório, afirmando que seleciona uma música pela mensagem, e assim,

o coral prega uma linguagem musical [...] muito próxima às pessoas, porque além da melodia, da parte musical tu tens a questão da letra e a letra por si só já é uma mensagem. [...] É um mecanismo de interferência amplo dentro da sociedade e ela pode caracterizar uma situação para a escola de *marketing* muito forte (REGENTE 4).

A letra das músicas para este regente favorece a efetivação de uma das funções deste coral que é de, através da escolha do repertório, transmitir mensagens. Esta idéia se aproxima da função de expressão emocional (MERRIAM, 1964) pelo fato de este regente considerar a letra como um veículo condutor. Na discussão feita por Hummes (2004), a autora também compartilha desta idéia ao considerar que a letra das canções retrata pensamentos revelados ou não. No caso deste regente, o coral poderia “juntar uma coisa com a outra” (REGENTE 4), ou seja, transmitir mensagens através do repertório e beneficiar a própria escola, sendo um veículo de *marketing*. Desta forma, é possível identificar além da função de expressão emocional, a função de comunicação, pelo fato de ser um critério na escolha do repertório, a mensagem que este regente quer transmitir. Esta função está associada ao significado que a música adquire neste coral, favorecendo assim, a função de validação das instituições tratadas na revisão da literatura.

Para o Diretor 4 o coral pode exercer diferentes funções. A principal delas está relacionada à técnica vocal, ao uso da voz. Em suas palavras, “[...] é importante que as crianças desde pequenas aprendam essas técnicas; claro, para quem gosta. Não dá pra você colocar qualquer um. Eu acho meio complicado, dá para treinar, apresentar as técnicas [...]” (DIRETOR 4). Trabalhar as questões vocais da criança está diretamente relacionado às possibilidades de realizar um trabalho de educação musical na prática coral, exercendo assim a função educacional. Entretanto, para este diretor, o instrumento vocal parece ser algo a ser praticado somente por aqueles que já demonstram certo interesse, ou seja, “para quem gosta” (DIRETOR 4). Novamente percebe-se a crença no talento como primazia para o estudo de música. Diferentes são as possibilidades de inserção da música na escola, como apresentado na literatura: música como atividade curricular, como parte de disciplina de Artes, como atividade extracurricular e no auxílio de outras disciplinas (SOUZA *et al*, 2002). Conforme identificado na revisão de literatura, algumas experiências relatadas demonstraram a possibilidade de inserir a prática coral no currículo (OLIVEIRA, 2005; RIBEIRO, 2007), favorecendo assim que a música fosse vivenciada por todos. Da mesma forma, Lopes (2009) ao falar das atividades de

canto coral como atividade extracurricular, associou a esta atividade a possibilidade de a música conquistar seu espaço no contexto escolar.

Na escola onde está inserido o Coral 4, a música está presente como atividade extracurricular – coral, aula de violão e flauta doce – e depende, entre outros critérios, do interesse dos alunos em optar por fazer ou não estas atividades. As aulas de instrumentos, por exemplo, não são gratuitas. Para participar destas, é necessário pagar uma mensalidade. A música como conteúdo curricular obrigatório, conforme estabelecido pela Lei 11.769/08 (BRASIL, 2008), ainda não se faz presente nesta escola sob a forma de uma disciplina ou atividade para todos. De certa forma, o acesso aos alunos ao saber musical oferecido pela escola limita-se àqueles que têm interesse de participar de atividades musicais específicas. E assim, outras experiências musicais não são vivenciadas. De acordo com Brito (2003) “a educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças hoje” (p. 46). E a formação integral deveria ser dirigida a todos os estudantes. Portanto, tanto as atividades com coral, com ensino de instrumentos, com grupos musicais, são bem vindas no contexto da escola e deveriam oportunizar experiências para todos os alunos, sem exceção.

Outra função que o Coral 4 exerce está associada à contribuição para a integração da sociedade (MERRIAM, 1969). O Diretor 4 justifica que ter o coral favorece a integração da família com a escola, através das apresentações. Segundo ele, “[...] integração que eu digo não só entre o coral e os coralistas, mas também com a família, com o colégio e a sociedade. Porque aí tem as apresentações e é quando a gente tem mais essa relação, essa integração” (DIRETOR 4). Sendo assim, além da integração propiciada aos integrantes, pelo fato de compartilharem da mesma atividade, os pais, por meio desta atividade, também se integram à escola, sendo esta atividade um ponto de encontro entre coralistas, família e escola, o que por consequência contribui para as relações sociais naquele contexto. O coral também favorece a possibilidade de transmitir valores, pois este diretor considera que “com a música você não trabalha só técnica. Com as letras das músicas que a gente procura passar valores [...] nesse sentido eu acho que essa é uma função do coral também” (DIRETOR 4). Esta idéia parece estar associada com o que o Regente 4 apontou como sendo uma das funções deste coral: transmitir mensagens através do repertório escolhido.

Entre as funções apontadas pelos Familiares 4 destacam-se entre suas falas aspectos relacionados ao respeito, à responsabilidade e às apresentações tanto dentro da escola como fora. Estes aspectos estão relacionados à função de impor conformidade às normas sociais, bem como se assemelham com a função identificada pelo Diretor 4, de contribuição

para a integração da sociedade. Os Familiares 4 também se referiram à função do coral como divertimento.

O Regente 5 elencou diferentes funções que um coral deveria exercer na escola. Uma delas é ser um espaço de formação, pois considera que o coral deve “desenvolver a arte musical”. Outra é a de “ser um cartão de visitas da escola”, pelo fato de participarem do coral representantes de diversas turmas. Através da música, o coral também teria a função de “levar essa alegria que a arte pode proporcionar as pessoas, aos ambientes”. Além disso, o coral assume a função de “estar presente na vida da escola, nos momentos que são comemorados a cada ano” (REGENTE 5). Este regente considera importante a presença do coral na escola para abrilhantar as festividades, porém, para ele, esta não é a função principal. Assim, estas funções também são exercidas por este coral nesta escola, sem ser exclusivamente uma atração nas festividades, pois nem sempre este regente aceita participar. Segundo ele, “às vezes chego até a dizer não, não sinto que o coro está preparado ou sinto que neste evento o coro não vai se encaixar” (REGENTE 5). Dessa forma, pode-se dizer que para este regente, a principal função exercida por este coral é a educacional, bem como as funções de validação das instituições sociais, função de expressão emocional e de entretenimento também são consideradas.

Para o Diretor 5 a função que um coral deveria exercer na escola está associada à valorização do talento, aos sentimentos e emoções despertados através da música, à educação integral e à integração através da música, exercendo assim, as funções de expressão emocional, função educacional e de contribuição para a integração da sociedade.

Eu penso que além da oportunidade que as pessoas têm de desenvolver talentos, é também uma função de agregar, de agrupar pessoas em busca de um objetivo bom [...] parece que [o coral] cultiva muito a parte espiritual, emocional, do amadurecimento da pessoa como um todo. [...] é uma forma de uma educação integral também (DIRETOR 5).

Mais uma vez aparece a idéia do talento, o que não quer dizer que o Diretor 5 não considere a possibilidade de um trabalho educacional nesta atividade. É o que demonstra a fala a seguir:

É feito um trabalho para todos, inclusive a voz se educa, e isso eu aprendi do meu falecido pai. Ele dizia que a gente tendo ouvido musical, a voz a gente educa, existem exercícios, existem técnicas para isso [...] elas [as crianças] precisam de incentivo, de valorização que vão conseguir e é para todos (DIRETOR 5).

Para o Diretor 5, além destas funções, o coral “[...] agrega valor ao trabalho da escola como um todo, porque os pais também ficam muito satisfeitos com isso. [...] insistiam

[os pais] que a escola tivesse [o coral], mas como falei antes, não tínhamos estrutura para isso e surgiu a oportunidade de terceirizar [...]” (DIRETOR 5). Percebe-se nesta fala que a presença do coral é importante para a escola, mesmo sendo oferecido por uma empresa terceirizada. Para este diretor

A função da música na vida das pessoas é algo muito importante, muito interessante, inclusive como prática mesmo da educação, da interação, do equilíbrio, do respeito ao outro, do espaço do outro, da sinfonia que tem que acontecer e da harmonia que isso traz. Eu acho que isso é muito importante. É uma oportunidade lúdica e de aprendizado. E depois você se apresentar e iluminar um evento dá esse brilho que o coral principalmente infanto-juvenil dá, quando você tem um grupo reunido, isso encanta (DIRETOR 5).

Assim, para o Diretor 5, além das funções apresentadas pelo Regente 5, o coral também exerce a função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura. Nota-se, na fala deste diretor, a importância atribuída à música como parte integrante da educação, sendo algo muito importante para a vida das pessoas, o que enfatiza ainda mais a importância da atividade musical para todos os indivíduos, e não apenas para aqueles que optam pelo coral.

Entre os Familiares 5, as funções mais enfatizadas dizem respeito a disciplina, responsabilidade, companheirismo, cumplicidade, aprendizagens, alegria e bem-estar (FAMILIARES 5); que se aproximam das funções de impor conformidade às normas sociais, de contribuição para a integração da sociedade, função educacional e de entretenimento, respectivamente. Estes participantes também fizeram referência ao coral como espaço para “descobrir novos talentos” e “descoberta de bons coralistas” (FAMILIARES 5), associando novamente a idéia de música e talento nesta atividade musical.

A partir dos objetivos e funções identificadas nas falas destes participantes – Regentes, Diretores e Familiares – percebe-se que há diferentes concepções a respeito das funções que a música exerce na escola bem como as funções que um coral exerce e que pode exercer neste contexto. Tais concepções apontam, de forma geral, predominância nas funções de validação das instituições sociais, de contribuição para a integração da sociedade, de entretenimento e função educacional. Esta última aparece proporcionalmente nas perspectivas de todos os participantes. As funções de contribuição para a integração da sociedade e de validação das instituições sociais são mais recorrentes entre os diretores pesquisados, sendo que esta última também é enfatizada pelos regentes. Entre os familiares há maior recorrência das funções de impor conformidade às normas sociais e de contribuição para a integração da sociedade.

Identificar as funções elencadas pelos diretores, regentes e familiares, contribuiu para uma visão geral das concepções destes sobre a prática coral neste contexto. Assim já se pode ter uma idéia de como é pensada a prática coral e quais funções ela exerce. A continuação da análise de dados trará ainda a discussão sobre quem pode cantar no coral, sobre o repertório utilizado e a perspectiva dos coralistas. Estes elementos complementam a visão das funções exercidas por estes corais, levando em consideração outros aspectos desta atividade.

4.2 ALGUMAS PRÁTICAS IDENTIFICADAS

Nesta seção serão apresentados elementos da técnica vocal identificados nos ensaios, o tipo de repertório de cada grupo, os critérios utilizados pelos regentes para a escolha do repertório e os meios utilizados pelos regentes para ensinar o repertório. Tal exposição poderá ampliar a compreensão da intenção destes regentes sobre o que querem ensinar nesta atividade. Também serão consideradas as respostas dos coralistas com relação aos temas escolhidos para o repertório. A intenção é compreender as relações que se estabelecem entre as práticas identificadas nos corais pesquisados com as funções que estes corais exercem nestas escolas.

Nos cinco corais pesquisados, os ensaios são estruturados praticamente na mesma seqüência: inicia com exercícios de aquecimento e em seguida são repassadas as músicas do repertório. Através dos exercícios de aquecimentos, bem como em alguns momentos durante a execução do repertório, foram identificados elementos que compõem o estudo da técnica vocal, sendo enfatizados aspectos referentes principalmente à respiração, afinação e articulação. Estas práticas se manifestaram de maneira diferente entre os corais pesquisados, assim como a escolha, critérios e o preparo do repertório.

4.2.1 Coral 1

Os exercícios de aquecimento realizados pelo Regente 1 contemplam praticamente uma mesma estrutura melódica. Para realizar os exercícios este regente utiliza como instrumento a flauta. É a partir dos cinco primeiros graus de uma escala maior que reproduz os exercícios. Nas duas observações realizadas foi utilizado o nome das notas musicais assim como sílabas variadas nestes exercícios. Para os coralistas os exercícios de aquecimento fazem

parte de conhecimentos que não tinham acesso antes de entrar no coral e consideram importante para a atividade, como exemplificado nas falas de alguns deles:

Eu acho o aquecimento muito importante, porque às vezes a gente sai de casa falando muito assim alto e aí chega no coral tem que fazer o aquecimento pra preparar a voz, cantar direito (CORALISTAS 1).

Eu entrei pro coral porque desde pequenina eu adorava cantar e tinha paixão por música. E eu achei bem legal porque eu não sabia esse negócio assim de aquecimento, não sabia também, por exemplo, que a maçã fazia bem para as cordas vocais [...]. (CORALISTAS 1).

O principal objetivo observado na realização destes exercícios é produzir um som articulado, pois, segundo o regente, a forma como se canta interfere no som, na afinação (OBSERVAÇÃO 1). Este pensamento parece se relacionar com a afirmação de Dinville (1993) ao considerar que a articulação interfere na afinação, pois “no canto há um imperativo que é a qualidade e a afinação dos sons [...], o que implica na preparação consciente de uma forma, um modelo, uma postura que corresponda à nota emitida” (p. 62). Há de se considerar que para alcançar tal objetivo – a afinação – são necessários outros elementos que correspondem à técnica vocal, como por exemplo, a respiração como elemento determinante em todo o processo de desenvolvimento da técnica vocal, (DINVILLE, 1993; GOULART; COOPER, 2000) o que nem sempre estava presente nas práticas observadas neste coral.

O tipo de repertório trabalhado no Coral 1 é diversificado. Contempla tanto músicas nacionais quanto estrangeiras. O principal critério para a escolha deste repertório é cantar músicas que os coralistas não conheçam. Segundo o regente, “o que eu busco com eles é um repertório que também saia um pouco do ouvido comum deles, do que eles ouvem [...]” (REGENTE 1). E assim, a cada ano diversifica sua escolha; segundo ele “geralmente eu foco num compositor ou num tema” (REGENTE 1). Neste ano o tema escolhido é “brasilidade”. Para o estudo das peças, o Regente 1 costuma falar e/ou cantar pequenos trechos para que as crianças repitam e assim memorizem as canções. Dessa forma não utiliza material impresso. Os recursos multimídia são utilizados para apreciação áudio-visual, principalmente das canções internacionais.

As canções do repertório deste grupo são executadas em uníssono e com acompanhamento instrumental gravado em áudio no formato de *playback*. Segundo o Regente 1, a opção pelo uso desse recurso no coral é feita pelo fato de não dispor de um músico acompanhador. Em decorrência desta realidade, o regente afirma: “eu acabo fazendo o nosso repertório com músicas que eu consigo a instrumentação, para que eu consiga com eles um

mínimo de qualidade, que não seja cantando com um CD cantado” (REGENTE 1). Esta fala apresenta outro critério para a escolha do repertório: cantar de acordo com *playbacks* disponíveis. Este material não é elaborado pelo regente, ele busca através da *internet* e/ou com a ajuda de terceiros. Assim, o critério para cantar músicas que os coralistas não conhecem depende de ter ou não *playback* para incluí-la no repertório do grupo.

Os coralistas demonstraram que este critério para a escolha do repertório os motiva a aprender músicas novas, e assim, o objetivo do regente em ampliar o repertório dos participantes parece se concretizar, como evidenciam algumas falas:

Eu também adoro conhecer música nova (CORALISTAS 1).

Eu costumo cantar mais músicas em inglês e aprendi uma em português que eu não conhecia e achei muito interessante (CORALISTAS 1).

Eu também conhecia mais músicas em inglês. Música brasileira eu não conhecia quase nada assim, sabe. Depois que eu entrei no coral eu achei bem legal. Eu achei que música brasileira era bem diferente, porque eu gostava mais de música pop [...] (CORALISTAS 1).

Percebe-se, nestas falas dos coralistas do Coral 1 que a música brasileira não era tão conhecida por alguns deles. Através da proposta deste regente, estes coralistas têm a possibilidade de ampliar o repertório por eles conhecido, o que vem ao encontro das concepções de educadores musicais, tais como Villa-Lobos, Kodály, Willems e Orff, de ampliar musicalmente e culturalmente o conhecimento destes coralistas.

O Regente 1, ao trabalhar com repertório variado proporciona aos seus coralistas experiências também variadas, favorecendo que estes tenham acesso a diferentes canções, como também músicas e compositores que não conheciam. Na literatura pesquisada (VERTAMATTI, 2006; LIMA 2007; COSTA, 2009) percebe-se a valorização desta prática de variedade de repertório na prática coral.

O uso de temas diferentes nas canções pode estar relacionado à função de representação simbólica. No ano em que foi realizada a pesquisa, por exemplo, o regente escolheu o tema “brasilidade”. Simbolicamente, este tema pode representar através do repertório uma idéia do que se produz musicalmente no país, como também pode representar algum acontecimento ou festividade inserida na cultura brasileira. Ao proporcionar aos coralistas o contato com outros tipos de música e compositores que estes não costumam ouvir, pode-se identificar também a função de prazer estético. Paralelamente, identifica-se a função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura, ao favorecer a aprendizagem

neste grupo de peças que fazem parte do repertório cultural do nosso país e que estes coralistas demonstraram não conhecer.

O contato visual entre regente e coralistas é enfatizado para que estes respondam as indicações de como a música será interpretada. Um dos elementos mais enfatizados por este regente é a dinâmica. O estímulo dado aos coralistas para ficarem atentos às suas orientações está fundamentado na necessidade de concentração de todos através do olhar. Durante um das observações ouviu-se o regente solicitar aos coralistas: “todos vocês precisam me olhar para que possam aprender” (REGENTE 1). Esta fala indica uma das possibilidades de comunicação entre regente e coralistas que se dá por meio do olhar. De acordo com Amato (2011),

O maestro, como grande ator que é, também comunica seu grupo durante a *performance* pelas expressões de seu rosto – uma contração das musculaturas faciais pede uma execução mais delicada, sons menores ou, dependendo do caso, pede força. É fácil perceber. Já uma expressão de ânimo combina-se sempre com o estrondo sonoro ou com um ritmo mais acelerado da música (AMATO, 2011, p. 98).

Os olhares deste regente durante o ensaio expressavam suas intenções em relação à forma como gostaria que interpretasse a música. Por exemplo, olhos mais abertos, grandes, associados ao movimento dos braços, também mais abertos, demonstravam que os coralistas deveriam cantar mais forte, e como resposta, os coralistas olhavam atentos para o regente e reproduziam o que lhes era solicitado. Este elemento pode ser associado à função de comunicação (MERRIAM, 1964), na medida em que entre regentes e coralistas, através da troca de olhares, algo é compartilhado.

4.2.2 Coral 2

No Coral 2 foi possível observar tanto o regente quanto o músico acompanhador atuando no ensaio. Ambos alternam a realização dos exercícios, as orientações aos coralistas e utilizam o piano como instrumento acompanhador. Foram empregadas diferentes seqüências de alturas bem como diferentes sílabas nos exercícios de aquecimento. Aspectos como a sonoridade homogênea do grupo, controle da respiração e dinâmica foram trabalhados tanto nos exercícios quanto no repertório.

Percebe-se que os exercícios são planejados de acordo com alguns aspectos das músicas a serem cantadas naquele ensaio. Há uma preocupação em realizar um trabalho de técnica vocal individualmente para que possa resultar na sonoridade do grupo. Tanto o regente

quanto o músico acompanhador acompanham o desempenho vocal dos participantes na intenção de aprimorar o trabalho do grupo, conforme indicado por Coelho (2001):

Quando se prepara vocalmente um grupo, não basta que cada cantor tenha uma voz parelha e bem colocada. Um coral é mais que um conjunto de solistas. É necessário que cada coralista cante com tal integração com os demais que o resultado sonoro seja apenas um, com unidade de conjunto (COELHO, 2001, p. 69).

Em relação aos exercícios de aquecimento, estes são enfatizados tanto pelos coralistas quanto para o regente:

Eu não gosto, prefiro ir direto cantar, mas a gente nota a diferença depois de fazer [...] (CORALISTAS 2).

[...] você fica aquecido, é como fazer exercícios antes de correr (CORALISTAS 2).

A gente aqui não aprende só a técnica em grupo, é individual também. A gente tem uma atenção muito especial [...] (CORALISTAS 2).

[...] se a gente faz um bom aquecimento, o resultado sonoro é muito bom. Tu escutaste, então a gente vai para os detalhes, para a interpretação (REGENTE 2).

Estas falas parecem demonstrar o entendimento de que para cantar o corpo também precisa estar aquecido. A fala de um dos coralistas coincide com a analogia proposta por Goulart e Cooper (2000) ao afirmarem que “todo atleta deve se aquecer antes de um jogo” (p. 11); analogamente, ‘todo cantor deve se aquecer antes de cantar’. Esta preparação é considerada neste coral, porém nem sempre acontece. Os exercícios de aquecimento nem sempre são realizados, em virtude do tempo para preparar o repertório e de acordo com a atividade proposta para aquele ensaio (REGENTE 2). Isto foi observado na segunda visita ao Coral 2, onde a proposta para o ensaio foi o estudo de uma canção em inglês a ser aprendida por este coral para uma participação especial em conjunto com outro grupo. Como disse o regente, “agora com essas apresentações que apareceram com músicas que não é do nosso repertório, às vezes eu nem aqueço [...] (REGENTE 2).

O repertório do Coral 2 é baseado em compositores catarinenses, sendo este o principal critério – composições de autores catarinenses – para a escolha do repertório deste grupo. Segundo o Regente 2,

[...] a grande maioria das músicas vai do meu critério e do [músico acompanhador], e já tiveram músicas que foram composições nossas. Para o próximo CD tem duas músicas de composição de cantores [coralistas]. O repertório é sempre de músicas locais [...] uma bandeira que a gente leva com bastante orgulho, de ser repertório totalmente de compositores locais, que valoriza nossa cultura [...] (REGENTE 2).

A metodologia utilizada para ensinar as peças do repertório baseia-se na imitação, onde ou regente ou músico acompanhador canta e os corralistas repetem, tanto individualmente quanto em grupo. Para o ensino das músicas novas, o Regente 2 estimula a memorização. Quando utiliza a letra, esta serve de apoio. Os recursos multimídia são utilizados para ouvirem versões de determinadas canções, bem como para estudar a letra e escolher em conjunto qual versão utilizar. O regente também costuma enviar músicas por *e-mail* aos corralistas para que estes estudem em casa. E esta metodologia parece ter resultados positivos, conforme o regente relatou: “eu mandei pela *internet* para que eles estudassem, eles chegaram com a música pronta” (REGENTE 2).

Os corralistas são estimulados para, em conjunto com o regente e o acompanhador, criarem interpretações e participarem de composições em grupo. Assim, entre as canções de compositores catarinenses, o próprio coral também compõe canções, as quais se somam ao repertório do coral.

A ênfase neste coral, portanto, é o uso de canções que fazem parte da cultura local. Há uma valorização deste tipo de produção musical, seja na execução de obras que já foram produzidas no contexto catarinense, seja na criação de peças que também se tornam parte do acervo do repertório catarinense. Este tipo de ação que valoriza a música da cultura é contemplado nas concepções de Villa-Lobos, Kodály, Willems e Orff como uma das ferramentas para o aprendizado musical. Este aspecto é compreendido pelos corralistas como um diferencial, conforme relataram:

Eu acho legal porque fica um coral original, porque a gente não canta só músicas dos outros (CORALISTAS 2).

A maioria das músicas eu nem conhecia (CORALISTAS 2).

A gente não imaginaria... eu não teria escutado (CORALISTAS 2).

Neste sentido, é possível perceber que para estes corralistas, o acesso a músicas diferentes, que não conheciam, é valorizado, assim como também valorizam o fato de cantarem suas próprias composições (CORALISTAS 2). Estas canções são executadas em uníssono e também a duas vozes. O Regente 2 relatou que pelo tempo que este grupo trabalha junto, atualmente eles têm mais facilidade de cantarem a duas vozes. Há de se considerar que este coral se difere dos demais pela quantidade de tempo que o grupo está junto e pelo objetivo dos

participantes. Aparentemente é um grupo “mais maduro” e que tem uma consciência sobre o trabalho de cantar em conjunto um pouco diferente dos demais grupos.

Entre as funções identificadas neste coral, a partir do repertório, pode-se relacionar tanto a função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura, por propor a este grupo peças que fazem parte do repertório catarinense, quanto a função de prazer estético, por também considerar os próprios coralistas como compositores. A função de contribuição para a integração da sociedade pode também ser relacionada ao repertório pelo fato de estes coralistas cantarem suas próprias músicas e integrarem-se com suas próprias composições. A função de representação simbólica também pode ser identificada a partir da caracterização do próprio grupo: coral com composições próprias e de outros compositores catarinenses.

4.2.3 Coral 3

Neste coral os exercícios de aquecimento contemplam uma mesma estrutura melódica, baseados nos cinco primeiros graus de uma escala, diversificando-os entre a escala maior e menor. Praticamente em todos os exercícios são utilizadas as vogais, como também temas de algumas canções. Entretanto, estes temas não faziam parte do repertório interpretado por este coral. Este tipo de atividade quando relacionada à prática do repertório pode contribuir significativamente no resultado do trabalho, favorecendo o entendimento de como esta técnica pode ser aplicada, e vice-versa, como é sugerido por Figueiredo (1990). De acordo com este autor, tal integração é fundamental, sendo que “os exercícios podem ser extraídos do repertório ou devem ser aplicados a ele para que se estabeleça a relação da técnica com sua aplicação” (FIGUEIREDO, 1990, p. 77). Entre estes exercícios o elemento mais enfatizado foi a afinação.

Na perspectiva dos coralistas os exercícios de aquecimento geram uma oportunidade para se desenvolverem vocalmente. É o que demonstram algumas falas

[...] a gente fica com uma postura diferente (CORALISTAS 3).

[...] Eu gostei da técnica [Regente 3] e graças a ele eu estou conseguindo melhorar bastante a minha voz e cantar na banda (CORALISTAS 3).

[...] se tu estás com vergonha e tu fazes aquele aquecimento tu já perdes a vergonha (CORALISTAS 3).

[...] o legal é que ali é tipo um afinador. Um afinador humano, que a gente começa a fazer o exercício e ele fala que a gente tá errando [...] e aí a gente arruma. Depois na hora de a gente cantar a música, a gente sabe qual é o tom (CORALISTAS 3).

O repertório do Coral 3 contempla músicas de diversos estilos. Quando iniciou o trabalho, o regente priorizava mais as canções de compositores do município de Florianópolis, popularmente conhecidas como “músicas da ilha”, entre as quais o próprio regente também tem composições e utiliza como parte do repertório. Segundo o regente, o critério para ter iniciado o trabalho neste coral com estas músicas é pelo fato do coral representar este município. Algumas dessas músicas ainda fazem parte do repertório, porém seu objetivo agora é ampliá-lo para que represente diferentes estilos e localidades. Por isso, selecionou músicas em outros idiomas, como espanhol e inglês. Para ele, “cada música [...] é uma música representativa” (REGENTE 3).

Para ensinar uma música nova o regente tem como referência o aspecto auditivo. Segundo ele: “eu prefiro começar pela questão auditiva e não pela questão visual da letra” (REGENTE 3). Geralmente o regente canta pelo menos três vezes a mesma canção de acordo com os seguintes passos: 1) uma vez para que tenham uma idéia de como é a música; 2) solicita que prestem mais atenção na melodia; 3) os coralistas são estimulados a tentar cantar junto. “Eu canto e peço para eles cantarem baixinho. Portanto, após este contato auditivo é que os coralistas terão contato com a letra da música” (REGENTE 3).

No período das observações os participantes ainda não possuíam pastas com as letras, por isso o regente escrevia a letra das canções no quadro para que pudessem acompanhar. Os coralistas eram estimulados a memorizar as letras, que posteriormente seriam apagadas do quadro. Neste contexto não foi observado o uso de recursos multimídia. Assim, a audição tinha sempre como referência apenas a voz do próprio regente.

Os coralistas se manifestaram de diferentes formas em relação ao tipo de repertório cantado pelo coral:

[...] umas músicas que eu nunca vi na minha vida, [...] músicas que não são em português, em outro idioma (CORALISTAS 3).

[...] músicas aqui da ilha, músicas que eu não conhecia. Eu aprendi (CORALISTAS 3).

Eu não gosto de músicas da ilha (CORALISTAS 3).

Ah...eu também não gosto (CORALISTAS 3).

Pra mim não tem uma música que eu não gosto de cantar. Se eu venho aqui eu tenho que seguir as regras do coral. Daí... se eu não vou seguir, para quê que eu vim? Eu tenho que cantar o que ele [Regente 3] pede (CORALISTAS 3).

Eu gosto de todas as músicas do coral (CORALISTAS 3).

Através destas falas pode-se dizer que nem todos os coralistas têm a mesma opinião a respeito do repertório. Percebe-se que, para eles, é através do repertório trabalhado no coral que eles têm acesso a diferentes tipos de música, bem como o contato com diferentes idiomas, mesmo que para alguns, determinadas peças não lhes agradam.

Este regente tem por objetivo também incentivar a formação de solistas e compositores no coral. Durante o ensaio, há um momento específico denominado “*The moment*”, que quer dizer: O momento. (REGENTE 3). Segundo o regente, “é um espaço para eles [os coralistas], é onde a gente vai vendo os solistas, o compositor” (REGENTE 3). Assim, os coralistas, individualmente ou em duplas, se apresentam interpretando uma canção de livre escolha incluindo composições próprias. Entre os coralistas também há diferentes perspectivas sobre este momento: alguns não gostam e outros gostam, mas têm vergonha de participar. Alguns coralistas se manifestaram sentindo-se um tanto incomodados dizendo que os colegas ficam “pressionando” para que estes participem desta atividade (CORALISTAS 3).

A partir dessas características, em relação ao repertório, pode-se relacionar a função de representação simbólica pelo fato de, entre as canções selecionadas por este regente, algumas representarem diferentes países. Pode-se associar também a função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura, por propor a este grupo peças que fazem parte do repertório cultural do nosso país e de outros, o que também se assemelha com a discussão acerca do uso de repertório variado apresentado na revisão de literatura. E a função de prazer estético ao proporcionar audições entre regente e coralistas e entre estes também, a partir de suas próprias composições.

4.2.4 Coral 4

Os exercícios propostos para o aquecimento neste coral também se baseiam nos cinco primeiros graus de uma escala maior. Este regente procura diversificar o uso de sílabas nestes exercícios destacando a necessidade de valorizar a articulação, tanto neste momento como na interpretação das canções. Exercícios de respiração também são propostos. Termos como uso do *falsete* e não cantar com *vibrato* fazem parte da linguagem utilizada por este regente para trabalhar aspectos de sonoridade com as crianças. Em relação aos exercícios, as crianças mencionaram alguns aspectos como “a gente aprende sobre as cordas vocais”; aprende que “não pode beber água muito gelada” (CORALISTAS 4).

Para o regente, independente deste trabalho técnico que realiza neste coral, este grupo ainda não se configura como um coral. Segundo ele, “[...] as crianças vêem como uma

forma de lazer” (REGENTE 4) e o trabalho ainda “é muito verde”, pois as crianças que estão participando atualmente são muito pequenas (REGENTE 4). No que diz respeito a esta faixa etária é aconselhável que as crianças tenham contato com o canto, porém

o canto coral não é recomendado a crianças abaixo de seis anos. Nessa idade, ela ainda não apresenta maturidade vocal, física e intelectual para a atividade. Isto não significa que ela não pode cantar. Não só pode como deve. Mas dentro de um contexto lúdico, sem que haja expectativa de resultado estético (SESC, 1997, p. 13).

O repertório do Coral 4 é composto de música brasileira. Um dos critérios para a escolha do repertório, segundo o Regente 4, é trabalhar músicas que “fazem parte do contexto de vida geral. Então, por exemplo, Aquarela [de Toquinho] é uma música bem divulgada, bem conhecida, bem cantada dentro das escolas” (REGENTE 4). Outro critério apresentado por este regente é a mensagem transmitida pelas músicas. Segundo o regente, “eu procuro realmente cantar canções que tenham um enfoque maior naquilo que eu acho importante, pela mensagem” (REGENTE 4).

A metodologia utilizada por este regente baseia-se principalmente no processo de imitação. O uso da pasta com as letras das canções faz parte dessa metodologia, onde as crianças são estimuladas a ler e/ou repetir determinados trechos das canções. Para ensinar essas músicas, o regente canta e/ou lê, os coralistas ouvem e depois repetem. Esta estratégia o regente usa tanto a partir de pequenos trechos quanto com a canção completa. Entre os participantes deste coral, há crianças que ainda não estão alfabetizadas e/ou estão em processo de alfabetização. Durante o exercício de cantar e/ou repetir, mesmo com a letra, algumas crianças demonstraram não conseguir acompanhar esta estratégia. Mesmo utilizando canções brasileiras, estas não soaram como sendo familiares para as crianças, pois o tipo de repertório estudado parece não fazer parte do contexto infantil atual.

Contudo, as crianças relataram que gostam de cantar todas as músicas aprendidas no coral e consideram “bem legais assim de cantar” (CORALISTAS 4). Fazem questão de ter em suas pastas as letras de todas as canções. Comentaram também que costumam ouvir em casa esse repertório, solicitando inclusive a ajuda dos pais, como disse um coralista: “às vezes o meu pai pesquisa no computador as músicas que a gente canta” (CORALISTAS 4); ou o próprio coralista faz a pesquisa: “eu pesquiso [as músicas] no *youtube* e daí eu fico dançando” (CORALISTAS 4).

Este coral conta com a participação de um profissional para auxiliar na organização da sala, entrega de materiais e cuidados com as crianças. Este auxiliar participa das atividades propostas pelo regente juntamente com as crianças. Ao final do ensaio ele é o responsável por

cantar com as crianças uma música de despedida que fala do lema educacional do colégio. Juntos eles cantam e realizam os gestos correspondentes à letra da canção. Nas duas observações foi possível perceber o interesse das crianças em cantar esta música, pois elas fazem questão de lembrar que, antes de ir embora, ainda falta cantar a canção da despedida (CORALISTAS 4).

A partir do critério utilizado pelo Regente 4 de selecionar canções que transmitam uma mensagem, é possível fazer uma aproximação com a função de comunicação e função de expressão emocional, pelo fato de este regente enfatizar que através da letra das canções, sua intenção é transmitir mensagens. A função de validação das instituições sociais pode ser compreendida através do uso da canção ao final do ensaio, que valoriza a filosofia proposta por esta escola. Ao mesmo tempo, esta canção utilizada regularmente no final dos ensaios estimula entre os coralistas prazer e diversão – função de entretenimento – ao reproduzir os gestos e movimentos – função de resposta física.

4.2.5 Coral 5

Os exercícios de aquecimento realizados neste coral são semelhantes aos realizados pelos demais corais, principalmente com os Corais 1 e 4. Neste coral também podem ser ou não realizados, como disse o regente: “quando é possível a gente faz um aquecimento [...]” (REGENTE 5). Entre os coralistas este momento foi lembrado pelo fato de também aprenderem algo diferente. Segundo eles, “[...] na hora do aquecimento eles [Regente 5 e músico acompanhador] sempre trazem uma coisa diferente pra gente aprender” (CORALISTAS 5). Os aspectos relacionados à técnica vocal foram mencionados na execução do repertório principalmente em relação à articulação e afinação.

O repertório utilizado no Coral 5 é diversificado. Para selecionar o repertório este regente utiliza alguns critérios: a mensagem que a música transmite; a diversidade musical brasileira, principalmente dos cantores “mais clássicos”; músicas que fazem parte do cotidiano das crianças e músicas que o coral já cantou. Como disse o regente: “que o coral pegou bem! Cantou bem. Que emocionou. Que a gente ouviu o retorno de algumas pessoas falando: Ah...que lindo!” (REGENTE 5). Para identificar as músicas do cotidiano infantil, este regente baseia-se no que as crianças atualmente estão cantando, através de “crianças mais chegadas”, de “grupos de crianças cantando na TV” ou observando “o que as crianças cantam no pátio da escola” (REGENTE 5). Assim, às vezes as próprias crianças do coral trazem sugestões para o repertório do grupo, como foi o caso de uma música que estão cantando em espanhol.

Para ensinar o repertório, o regente utiliza diferentes estratégias. Entre elas, costuma cantar um trecho e as crianças repetem. Acessa *sites* para reproduzir diferentes grupos, entre eles corais cantando, onde os coralistas são estimulados a ouvirem e observarem as interpretações. E também pede que as crianças cantem em *bocca chiusa*, ou usando uma determinada sílaba, um trecho da música e depois pede que identifiquem em que parte da música pararam. Pelo fato do ensaio ser na sala de multimídia da escola, recursos como *data-show*, *internet*, aparelho de som são utilizados com diferentes funções em praticamente todos os ensaios. Os coralistas possuem pastas para arquivar as músicas e acompanhar cada canção durante os ensaios. Foi possível identificar estas estratégias sendo utilizadas durante o período de observação, bem como a resposta dos coralistas de forma interessada e satisfatória a estas ações descritas.

Em relação ao repertório, sob a perspectiva dos coralistas, diferentes aspectos foram mencionados, como por exemplo, a dificuldade em cantar em outro idioma, o fato de resgatar músicas já cantadas, assim como o gostar de cantar estar acima do tipo de música a ser trabalhada no coral. Como demonstram as falas abaixo:

Esse ano o [Regente 5] está colocando músicas em outras línguas. Só que provavelmente ele vai querer colocar francês e outras coisas. Ai... eu acho muito difícil (CORALISTAS 5).

Todo ano o [Regente 5] repete uma música ou duas, mas não repete o repertório inteiro. No Natal mesmo ele coloca umas músicas iguais, mas ele coloca músicas que a gente nunca tinha ouvido (CORALISTAS 5).

Ah..tem aquelas músicas que tu não gostas muito, mas isso não é um problema. Se tu gostas de cantar não importa o que tu estás cantando, o que importa é que tu estás cantando (CORALISTAS 5).

Entre as possíveis funções identificadas a partir do repertório utilizado no Coral 5 pode-se associar a função de comunicação pelas mensagens que o regente procura transmitir. A função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura, por utilizar como critério, além das canções já conhecidas, também aquelas que eles ainda não conhecem o que também se assemelha com a revisão de literatura ao tratar sobre o uso de repertório variado na prática coral. E a função de expressão emocional, ao considerar que as músicas já interpretadas expressam emoções tanto para os coralistas quanto para aqueles que assistem.

A partir destas características apresentadas em relação ao repertório trabalhado nos corais pesquisados foi possível constatar que a função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura se fez presente em cada um destes corais, com maior ou menor ênfase. Ao mesmo tempo pode-se associar a esta função, a função educacional, pelo fato de também

outras funções se fazerem presentes. O fato de cada regente ter um critério específico para a escolha de seu repertório faz com que, naturalmente, ele já esteja exercendo uma função educacional, pois através de cada critério se percebe seu objetivo diante de cada grupo. Por exemplo, cantar músicas que as crianças não conhecem sugere que o regente queira ampliar o universo cultural das crianças. Fazer uso de um repertório variado sugere que o regente tenha por objetivo diversificar o repertório com canções de diferentes culturas. Isto se justifica pela representatividade que cada tipo de canção pode assumir num determinado contexto, sendo que em cada um destes, pode-se perceber maior ou menor ênfase a partir das escolhas dos regentes, o que pode trazer ou não diferentes aprendizagens.

A partir desta síntese percebe-se que há uma concordância entre os corais pesquisados em manterem um padrão na ordem das atividades propostas nesta atividade. Como diz Figueiredo (1990),

tradicionalmente os corais iniciam o ensaio com técnica vocal. É correta esta atitude, pois o início do trabalho serve como um aquecimento para o grupo. Tal aquecimento promove certa prontidão vocal, além de cumprir a função de concentrar os cantores para a atividade realizada (p. 77).

Entretanto, a presença de exercícios no início do ensaio, caracterizando o momento do aquecimento, parece de certa forma assumir uma função de cumprir uma atividade que comumente se realiza em todos os corais, sem que isto esteja vinculado diretamente ao repertório e/ou aos aspectos que dizem respeito ao aprendizado da técnica vocal. No decorrer dos ensaios, eventualmente, algum aspecto era mencionado, como por exemplo, a necessidade de melhorar articulação. Poder-se-ia pensar no desenvolvimento desta habilidade – técnica vocal – durante todo o ensaio, integrando-a ao repertório e não como um momento específico deste através de alguns exercícios para a realização do aquecimento (FIGUEIREDO, 1990).

No que se refere ao repertório, entre estes corais, não foi possível identificar alguns conteúdos que poderiam favorecer diferentes experiências musicais nesta prática, como “estilos e gêneros variados; diferentes graus de dificuldade; [...] peças em tonalidades [...] menores, modais, atonais, sem altura definida; [...] sem acompanhamento instrumental; peças que introduzam o trabalho a vozes e cânones” (SESC, 1997, p. 69). Contudo, o repertório trabalhado demonstra a cultura musical dos corais pesquisados, os quais, por meio desta cultura, exercem diferentes funções como a expressão de sentimentos, a comunicação de ideias e valores, diversão e validação das instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi investigar as funções da prática coral em escolas de ensino fundamental no município de Florianópolis. Foram também objetivos mapear os corais das escolas de ensino fundamental desta cidade; identificar a forma como esta prática está inserida neste contexto; conhecer as características destes grupos; analisar os objetivos dos diretores, regentes, coralistas e familiares com relação a esta prática e também identificar as possíveis relações entre as práticas realizadas pelos corais e as funções que estes exercem em seus respectivos contextos. Estes objetivos geraram questionamentos análogos que de certa forma foram respondidos na medida em que se conseguiu identificar diferentes funções para a prática coral.

A revisão de literatura realizada evidenciou diferentes aspectos em relação à prática coral escolar. Foi possível identificar que há pesquisas sendo realizadas neste contexto e que o principal tema abordado entre elas se refere ao repertório utilizado nos corais. A partir destas pesquisas constatou-se a presença de trabalhos que tiveram como objetivo compreender as funções exercidas pela música na sociedade e na escola. Entre estas pesquisas percebeu-se a recorrência às funções sociais da música categorizadas por Merriam (1964), bem como foram também considerados estudos sobre as funções da música em contextos educacionais realizados Hummes (2004), Sanchotene (2006), Freire (2011) e principalmente Souza e colaboradas (2002). Constatou-se que não havia ainda estudos específicos sobre estas funções em relação à prática coral na escola. Outros temas também foram discutidos, entre eles, o pressuposto de que é direito de todo o indivíduo aprender música na escola e a contribuição de educadores musicais que incentivam a prática coral enquanto instrumento de educação musical neste mesmo contexto. Estes temas auxiliaram na análise dos dados, possibilitando assim, uma maior compreensão da prática coral escolar e funções desta prática neste contexto.

A metodologia escolhida para a efetivação deste trabalho foi o estudo de casos múltiplos. Os instrumentos utilizados na coleta de dados permitiram aproximar-se dos contextos, gerando inúmeras informações a serem transcritas e analisadas. Mesmo assim, limitações foram encontradas. O número de observações poderia ter sido maior para que fosse possível visualizar com mais clareza as funções que os corais estariam exercendo no dia-a-dia dos ensaios. Alguns pontos durante as entrevistas não foram aprofundados, por exemplo, as concepções dos envolvidos acerca do que é ter talento, conceitos de afinação e desafinação, que poderiam ter sido questionados para que se pudessem alargar as discussões. No entanto, o tempo para a realização da coleta de dados, a quantidade de dados obtidos a cada visita, a cada

entrevista, limitaram a própria possibilidade de ampliação de temas que também são relevantes, mas que não foram tratados neste momento.

Os dados obtidos foram agrupados em três categorias: o contexto pesquisado, o coral como atividade extracurricular e as práticas identificadas. Os resultados revelam a existência de apenas doze corais entre as noventa e nove escolas identificadas no município de Florianópolis. Estes corais estão todos inseridos como atividade extracurricular nestas instituições. Diferentes critérios para o ingresso dos participantes nestas práticas foram identificados. Entre eles, o teste de seleção é um recurso utilizado num dos grupos que considera a necessidade de aptidões prévias para a inserção nesta prática. Somado a isto estão algumas concepções dos participantes da pesquisa que consideram a existência do ‘dom’, do talento, associado ao fazer musical. Outros critérios se referem à faixa etária, o interesse dos alunos, a questão financeira e o deslocamento. Todos estes fatores podem impedir a participação de mais alunos na atividade, o que contradiz o pressuposto inicial de que todos podem se desenvolver musicalmente e, portanto, poderiam participar do coral.

Dependendo do contexto e da perspectiva de cada participante, as funções exercidas pelos corais pesquisados, identificadas a partir da literatura pesquisada, se evidenciam com maior ou menor ênfase. Pôde-se constatar a presença de todas as funções, sendo que as mais enfatizadas foram as funções de validação das instituições, de contribuição para a integração da sociedade, de entretenimento e educacional. A função de validação das instituições sociais é a função que mais se assemelha entre os corais sendo destacada, de uma forma ou de outra, pelos regentes, pelos diretores, cantores e familiares. E entre a função que mais se destaca, sob a perspectiva dos familiares é a função de impor conformidade às normas sociais. O entendimento dessas funções poderá contribuir para a compreensão mais aprofundada sobre como esta prática ocorre e é pensada pelos principais envolvidos, favorecendo a tomada de decisões que aprimorem ainda mais as propostas oferecidas. Além disso, a análise e reflexão realizadas neste trabalho poderá fomentar o entendimento da relevância, da permanência e da ampliação da prática coral como ferramenta para a educação musical escolar.

O trabalho não responde completamente tudo que se possa pensar sobre o tema, devido à complexidade do mesmo e da possibilidade de haver outras funções que possam ser referidas a partir de outras perspectivas. Daí a necessidade de novos estudos que verifiquem mais profundamente questões metodológicas do ensaio, questões de técnica vocal para crianças, formação dos regentes, concepções destes a respeito do talento na atividade musical e também sobre o repertório específico para esta faixa etária.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. & GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. **A voz do líder: arte e comunicação nos palcos da gestão**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

BALLESTEROS, Natalia Decotelli da Silva. **Orquestra de Vozes Meninos do Rio. Uma proposta de trabalho**. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula**. Música na Educação Básica, V. 3, n. 3, p. 56-67, 2011.

BONA, Melita. Carl Orff: Um compositor em cena. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibplex, 2011.

BORGES, Gilberto André. **A Educação musical nas escolas: reflexão sobre a experiência desenvolvida junto da Rede Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Artes – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB: Lei 9394/96**. Brasília: Diário Oficial da União, Ano CXXXIV, n. 248, de 23/12/96, pp. 27.833-27.841.

BRASIL. **Lei n. 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Brasília: Diário Oficial da União, ano CXLV, n. 159, de 19/08/2008, Seção 1, página 1.

BRITO, Teca Alencar de Brito. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Função social da escola e organização do trabalho pedagógico**. Educar, Curitiba. Editora da UFPR. n. 17, p. 101-110, 2001. Disponível em: <http://www.educarevista.ufpr.br/arquivos_17/silveira_bueno.pdf>. Acesso em: 23 set. 2011.

BÜNDCHEN, Denise Blanco Sant'Anna. **A relação ritmo-movimento no fazer musical criativo: uma abordagem construtivista na prática de canto coral.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005

CARVALHO, Vivian Assis. **Coral cariúnas: identidade, significado e performance.** Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

CASTRO, Dóris Yane Vitório de. **Projeto educação pelo resgate da memória.** In: Anais da ABEM, XIV Encontro Nacional da Abem, Belo Horizonte, 2005.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. **Levantamento de teses e dissertações sobre o ensino da performance musical no Brasil.** UFMA, 2011. Disponível em < http://ufma.academia.edu/dlemos/Papers/513667/Levantamento_de_Teses_e_Dissertacoes_sobre_o_Ensino_da_Performance_Musical_no_Brasil >. Acesso em: 15 fev. 2012.

CHEVITARESE, Maria José. **A questão da afinação no coro infantil discutida a partir do “Guia prático” de Villa-Lobos e das “20 rondas infantis” de Edino Krieger.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Canto coral: um levantamento sobre os trabalhos apresentados nos Encontros Nacionais e Congressos da ABEM entre 1992 e 2009. In: XIX Encontro Anual da ABEM, 2010, Goiânia/GO. **Anais...Goiânia**, 2010, p. 551-560.

COELHO, Helena. **Técnica vocal para coros.** Novo Hamburgo: Sinodal, 5ª Ed., 2001.

COSTA, Patricia Soares Santos. **Coro juvenil – por uma abordagem diferenciada.** Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

DINVILLE, Claire. **A técnica da voz cantada.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1993.

FERNANDES, José Nunes. **Teses e dissertações de educação musical dos cursos brasileiros de pósgraduação stricto sensu em música, educação, história, computação, psicologia, letras, filosofia, comunicação, semiótica, engenharia e outros (até 2005).** Disponível em: < <http://www.abemeducaomusical.org.br/teses.html> >. Acesso em: 15 fev. 2012.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. **O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical.** Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1990

_____. **Educação Musical e Legislação Educacional.** In: Educação Musical Escolar. Ano XXI. Boletim 8. Junho de 2011. TV Escola – Salto para o futuro.

FIGUEIREDO, Sérgio Ferreira de & SCHMIDT, Luciana Machado. Discutindo o talento musical. In: Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais, 1, 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005, p.385-392.

_____. Discutindo o talento musical a partir da visão de estudantes de música. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MÚSICAIS, 1, 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2006, p. 209-214.

_____. **Refletindo sobre o talento musical na perspectiva de sujeitos não-músicos.** In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 2008. Disponível em: < http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/downloads_anais/SIMCAM4_Sergio_Figueiredo_e_Luciana_Schmidt.pdf >. Acesso em: 02 jul. 2001.

FINCK, Regina. **A prática coral - uma reflexão.** Monografia – Centro de Artes – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORIANÓPOLIS, 2011. **Instituições Educativas – Escolas Básicas.** Disponível em: < <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=escolas+basicas&menu=14> >. Acesso em: 18 abr. 2011.

FREIRE, Vanda Bellard. **Música e Sociedade: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de Música.** 2ª Ed. rev. e ampl. Florianópolis: Associação Brasileira de Educação Musica, 2011.

FONTEERRADA, Marisa T. de O. **De tramas e fios: Um ensaio sobre música e educação.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES; Maria Eleasir; BARBOSA, Eduardo. **A técnica de grupos focais para a obtenção de dados qualitativos**. 1999. Disponível em: < www.educativa.org.br >. Acesso em: 28/11/2011.

GOULART, Diana; COOPER, Malu. **Por todo o canto: exercícios de técnica vocal**. Rio de Janeiro: D. Goulart, 2000.

HUMMES, Júlia Maria. **As funções do ensino de música na escola, sob a ótica da direção escolar: um estudo nas escolas de Montenegro**. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

LIMA, Maria José Chevitarese de Souza. **O Canto Coral Como Agente de Transformação Sociocultural nas Comunidades do cantagalo e Pavão-Pavãozinho: Educação para Liberdade e Autonomia**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

LOPES, Josiane Paula Maltauro. **Programa Viva Escola – Uma oportunidade de inserir aulas de música no contexto escolar**. In: Anais da ABEM, Londrina, Outubro de 2009.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. São Paulo: Papirus, 2003.

MALOTTI, Ana Paula Ribeiro Cardoso. **Educação musical em grupos corais**. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Artes – UDESC. Florianópolis/SC. 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5ª edição. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2010.

MARDINI, Bruno Silva. **Coral Mãe de Deus- Tupanciretã/RS: “É metade de minha vida, só quem canta sabe o que é, né?”**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

MERRIAM, Alan P. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, Jetro Meira de. **Projeto CuCo na Escola: construindo a educação musical pelo canto coral no currículo escolar**. XIV Encontro Nacional da ABEM, Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte, 2005.

OLIVEIRA, Vilson Gavaldão de. **O desenvolvimento vocal do adolescente e suas implicações no coro juvenil a cappella**. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

PAREJO, Enny. Edgar Willems: Um pioneiro da educação musical. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibplex, 2011.

PAZ, Ermelinda Azevedo. **Villa Lobos o Educador**. In: Prêmio Grandes Educadores Brasileiros 1988. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, Brasília: 1989.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1990

RIBEIRO, Jucélia Cristina. **A realidade do Canto Coral: Um Relato de Experiência**. Disponível em: <
http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_a/A%20Realidade%20do%20Canto%20Coral.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2012.

SANCHOTENE, Ângela Beatriz Crivellaro. **Funções da música no ensino fundamental: um olhar sobre cinco escolas estaduais de Porto Alegre/RS**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SANTA CATARINA, 2011. **Relação das escolas estaduais situadas em Florianópolis**. Informação enviada por *e-mail* pela GERED – Gerência de Educação Grande Florianópolis, em 19/04/2011.

SANTOS, Regina Márcia Simão. Educação musical, educação artística, arte-educação e música na escola básica no Brasil: trajetórias de pensamento e prática. In: SANTOS, Regina Márcia Simão (Org.). **Música, Cultura e Educação: os múltiplos espaços de educação musical**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SESC São Paulo. **Canto, canção, cantoria: como montar um coral infantil**. São Paulo: SESC, 1997.

SHENK, David. **O gênio em todos nós: por que tudo que você ouviu falar sobre genética, talentos e QI está errado.** Tradução Fabiano Morais. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Adma Aparecida da. **A Relação entre a produção vocal para coro infantil e o sistema de produção vocal da fala** - Um estudo interdisciplinar das aplicações em aplicações em fonética e fonologia para o canto. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SILVA, Walênia Marília. Zoltán Kodály: Alfabetização e habilidades musicais. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em Educação Musical.** Curitiba: Ibpx, 2011.

SINEPE/SC, 2011. **Escolas particulares filiadas em Florianópolis.** Disponível em: < <http://www.sinepe-sc.org.br/filiados.php?cidade=FLORIAN%D3POLIS> >. Acesso em 18 abr. 2011.

SMALL, Christophe. **Musicking: The meanings of performing and listening.** Hanover: Wesleyan University Press, 1998.

SOBREIRA, Sílvia. **Desafinação vocal.** Rio de Janeiro: Musimed, 2003.

_____, Sílvia. Reflexões sobre a obrigatoriedade da música nas escolas públicas. **Revista da Abem,** Porto alegre, n. 20, p. 45-52, set. 2008. Disponível em: < http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista20/revista20_completa.pdf >. Acesso em 15 jan. 2012.

SOUZA, Jusamara *et. al.* **O que faz a música na escola?** Concepções e vivências de professores do ensino fundamental. Núcleo de Estudos Avançados de Programa de Pós-graduação em música – mestrado e doutorado. Porto Alegre: Série Estudos 6, 2002.

VILLA-LOBOS, Heitor (1887-1959). **Guia Prático para a educação artística e musical, 1º volume:** estudo folclórico musical. Textos e pesquisa por: Manoel Aranha Corrêa do Lago, Sérgio Barboza, Maria Clara Barbosa. Rio de Janeiro: ABM: Funarte, 2009.

VERTAMATTI, Leila Rosa. **Ampliando o repertório do coro infanto-juvenil - um estudo de repertório inserido numa nova estética.** Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2006.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Carta de apresentação da pesquisa.

Apêndice 2 – Termo de consentimento.

Apêndice 3 – Roteiro para as observações.

Apêndice 4 – Roteiro para as entrevistas com os regentes.

Apêndice 5 – Roteiro para as entrevistas com os diretores.

Apêndice 6 – Roteiro para a conversa com os grupos focais.

Apêndice 7 – Questionário para os pais.

APÊNDICE 1 - Carta de apresentação da pesquisa



Programa de Pós-Graduação em Música - Mestrado

PROJETO DE PESQUISA

As funções da prática coral na educação básica

Florianópolis, 05 de maio de 2011.

Prezado(a) secretário(a)

Meu nome é Najla Elisângela dos Santos, e sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Música - Mestrado da UDESC. Estou desenvolvendo uma pesquisa com o objetivo de compreender as funções da prática coral na educação básica, sob a orientação do professor Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo.

Primeiramente foi feito um levantamento sobre a existência de coros escolares nas escolas de educação básica, públicas e privadas, situadas no município de Florianópolis. O segundo passo da pesquisa é compreender quais as funções que o coro exerce nestes estabelecimentos de ensino.

Para tanto, gostaríamos de solicitar sua permissão para realizarmos a pesquisa nas escolas. O estudo será realizado através de entrevistas, questionários, assim como observações dos ensaios e outras atividades.

Todas as informações coletadas serão utilizadas para fins de pesquisa e o anonimato dos participantes estará garantido em todas as etapas do processo.

Agradecemos sua colaboração.

Atenciosamente

Najla Elisângela dos Santos
(Mestranda do PPGMUS)

Prof. Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo
(Orientador)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – CENTRO DE ARTES - DMU – PPGMUS

AV. MADRE BENVENUTA, 1.907 - ITACORUBI

FONE (048) 3321-8335 – Email: ppgmus@udesc.br

CEP: 88.035-001 - FLORIANÓPOLIS-SC

www.ceart.udesc.br

APÊNDICE 2 - Termo de consentimento



Programa de Pós-Graduação em Música - Mestrado

PROJETO DE PESQUISA

As funções da prática coral na educação básica

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu _____,
declaro estar ciente das propostas da pesquisa **As funções da prática coral na educação básica**, e autorizo a acadêmica Najla Elisângela dos Santos e o professor Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo, orientador deste projeto de pesquisa, a utilizarem os dados coletados através de entrevistas, questionários e observações para fins de publicação e apresentação em eventos acadêmico-científicos, desde que seja mantido meu anonimato.

Florianópolis, ____ de _____ de 2011.

Assinatura do (a) profissional

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – CENTRO DE ARTES - DMU – PPGMUS

AV. MADRE BENVENUTA, 1.907 - ITACORUBI

FONE (048) 3321-8335 – Email: ppgmus@udesc.br

CEP: 88.035-001 - FLORIANÓPOLIS-SC

www.ceart.udesc.br

APÊNDICE 3 - Roteiro para as observações

Roteiro para observações:

- 1) Comportamento das crianças (como elas reagem) em relação às atividades propostas (exercícios, repertório, etc...); ao regente; aos colegas.
- 2) Comportamento do regente (suas falas; ações)
- 3) Ao ambiente (presença dos pais...membros da escola..outros crianças)

APÊNDICE 4 - Roteiro de entrevista com regentes

ENTREVISTA COM REGENTE

Tópicos relativos ao coral:

- ∇ O coral (numero de crianças, faixa etária, localidade, seleção)
- ∇ A participação das crianças nos ensaios e apresentações
- ∇ As apresentações
- ∇ A participação dos pais
- ∇ A organização do ensaio
- ∇ O uso de equipamentos
- ∇ Dinâmica para ensaiar uma música nova
- ∇ A escolha do repertório
- ∇ Os resultados alcançados (pontos positivos, negativos)
- ∇ Relação do coro e a escola
- ∇ As funções que um coral deveria exercer, que este coro exerce na escola, que este coro exerce para as crianças e as famílias
- ∇ As funções que a música exerce na escola a partir da prática coral

Tópicos referentes à formação e atuação do regente:

- As razões que o motivaram a ser regente de coro em escola
- Há quanto tempo exerce essa profissão
- As contribuições que você traz da sua formação para sua atuação
- Se já teve alguma experiência como coralista
- Se conhece outros corais de escola no município de Florianópolis

APÊNDICE 5 - Roteiro de entrevista com diretor

ENTREVISTA COM DIRETOR

Tópicos:

- As atividades extracurriculares (razões para oferecer)
- As razões para criar o coro na escola
- O coro na escola (tempo de existência, apresentações, organização, escolha do regente, ensaios, participação dos pais)
- Os resultados alcançados pelo coro
- Se teve experiência com coral na escola
- As funções que um coro deve exercer
- As funções que este coro exerce na escola
- As funções do coro para as crianças e para os pais.

APÊNDICE 6 - Roteiro para conversas com grupo focal (coralistas)

ROTEIRO PARA CONVERSA COM GRUPO FOCAL (coralistas)

Tópicos:

- a experiência de cantar no coral (as razões para entrar e permanecer na atividade; o que mais gosta e o que não gosta; o que considera mais importante)
- a rotina do coro (repertório; exercícios realizados no ensaio; apresentações)
- participação de seus colegas no coro
- o regente
- o pensamento dos pais sobre sua participação no coro
- a importância ou não de ter coro na escola
- se já cantou em outro coral antes
- as expectativas em relação a esta atividade quando entrou e atualmente.

APÊNDICE 7 – Questionário para os pais



Programa de Pós-Graduação em Música - Mestrado

Senhores Pais

Meu nome é Najla Elisângela dos Santos, e sou mestranda do Programa de Pós - Graduação em Música - Mestrado da UDESC. Estou desenvolvendo uma pesquisa com o objetivo de compreender as funções da prática coral na educação básica, sob a orientação do professor Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo. Para tanto, gostaríamos de solicitar sua colaboração respondendo este questionário, assinando o termo de consentimento ao final do mesmo e enviando à escola novamente através de seu filho (a).

QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

1. Fale sobre as razões que levaram seu filho (a) a participar do coral:

2. Há quanto tempo seu filho (a) canta no coral?

3. O que mantém seu filho motivado a participar do coral?

4. O que mantém você motivado a manter seu filho no coral?

5. Você já assistiu alguma apresentação do coral?

5.1 () sim. O que lhe chamou mais atenção?

5.2 () não. Por quê?

6. Quando você fez a educação básica havia coral na escola?

6.1 () sim. Você participou? () sim. O que mais você gostava?

6.2 () não. Você tinha vontade de participar de um coral? () sim () não

7. Na sua opinião, quais as funções que um coro deve exercer?

Agradecemos sua colaboração.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Autorizo o uso destas informações respondidas neste questionário. Estou de acordo que estes dados podem ser usados para fins de pesquisa acadêmica, podendo ser publicados e apresentados em eventos científicos, desde que seja mantido o anonimato do participante.

Ass.: _____

Florianópolis, ___ / ___ / 2011.